

AUTORES & LIVROS

18/1/1942 SUPLEMENTO LITERARIO DE "A MANHA"
Ano II publicado semanalmente, sob a direção de Mário
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. II
Nº 2

Notícia sobre APRECIAÇÃO SOBRE "AUTORES E LIVROS" - J. C. Macedo Soares

Mário de Alencar nasceu no Rio de Janeiro, a 30 de janeiro de 1872. Era filho do grande romancista José de Alencar, e da bordada as excentas qualidades de sensibilidade e de espírito. Faz os seus primeiros estudos no Colégio Pedro II, obteve o título de bacharel em ciências e lettras, e formou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo.

Daí a adolescência distinguida pelas tendências que revelavam os assuntos de poesia e literatura, o que se acentuou na sua primeira fase de escritor, aquela que teve no "Mário Mercantil". Era ainda no final quando publicou a sua primeira coleção de poesias, "Lígumas".

Homem timido e arreliado, Mário de Alencar nunca quis estar no primeiro plano, na vida pública. Limitou suas atividades à vida do pensamento, à sua criação literária, e também à atividade burocrática, a que se dedicou. Como funcionário público, chegou a diretor da Biblioteca da Câmara dos Deputados. Como homem de letras, atingiu o cimo da sua carreira, fazendo eleger, na voz de José do Patrocínio, para uma das cadeiras da Academia Brasileira.

A obra que Mário de Alencar legou não é vasta, limitando-se a duas ou três coleções de versos e a meia dúzia de volumes de prosa. Mas, nesses poucos livros, encontramos um escritor gracioso, fino e polido, um artista perfeito, perfeitamente senhor de sua arte, um clássico poeta, um sugestivo evocador de figuras e de almas.

Mário de Alencar faleceu a 8 de dezembro de 1925, sendo enterrado na Academia por Ugozio Mariano.

Palavras aos leitores

De leitores de toda a parte do Brasil e das categorias sociais mais diferentes, tem a direção de "AUTORES & LIVROS" recebido cartas e telegramas, contendo as expressões mais amizadas ao trabalho que, com esta publicação, vimos realizando. Na impossibilidade de responder a todas essas demonstrações, declaramos aqui o nosso sincero agradecimento por essas generosas expressões de estimulo e compreensão.

Aos inúmeros leitores que nos tem escrito solicitando coleções dos números de "AUTORES & LIVROS" do ano passado, não poderemos atender, por se esgotarem completamente esgotados muitos dos números do nosso suplemento. Os números que ainda existem se encontram na administração de A MANHA, à rua Evaristo da Veiga 18.



MARIO DE ALENCAR

Sabemos que todos os trabalho espiritual é sempre grande jornal do Brasil pre mercedor dos mais possuem um suplemento altos louvores. literário. Em prosa e em Nas páginas dos "Autores e Livros" vemos re ciência como no campo produzidos os trechos das letras neles encontram ma is significativos de mos, com frequência, nossos velhos poetas e fundas e preciosas colaboradores. E mais atrações de singular importa da: a opinião existente sólvia para nosso patri- bre eles, não só da crítica mônio cultural. de seu tempo como da cri-

E é justo, todavia, que tica contemporânea. Edu se diga: estes suplementos ardo Prado, Inglez de literários, até hoje, evi Souza, Machado de Assis, dentemente subestimados, Francisco de Castro, Ara não tiveram uma orientação Junior, Artur Azevada segura e consequente, vendo, Raul Pompeia, Raul te. Não obedeciam a de Leoni, Augusto dos nenhuns critérios pre-de- Anjos e muitos outros, al terminado. Suas páginas guns infelizmente esquecidas, eram feitas ao sabor do cídos, voltaram a ser as acaso. Não possuam, se- sunto do dia. Eis uma quer, uma direção res- obra milagrosa de verda ponsável. Assim, o joio se deixa ressurreição.

misturava com o trigo, Diante do que fez e con- scendo árdua e difícil a tarefa a fazer a inteligê- tarfa de distinguí-los e via disciplinada de Mário separá-los. Leão, não resta dúvida de que uma lacuna foi pre-

mente apoiado por Cas- enhida na imprensa. Hos- siano Ricardo, o perouje, pode-se dizer que esta- uma verdadeira revolu- mos no limiar dum nova ção nesse terreno, criando era para os suplementos o suplemento literário de literários. (Do Retrospe-

A MANHA. Intitulou-o o Litterário da Academia de "Autores e Livros", mia Brasileira para o ano transcendo, de antemão, a de 1941)

trajetória que já começou a executar e à qual permanece fiel

Nos poucos números já publicados (até agora 19), seu diretor teve em mira, não só apresentar um aspecto vivo da atual atividade literária do país, mas também realizar uma obra valiosa de reminiscência histórica, invocando os nossos homens do passado, cujo

Bibliografia de Mário de Alencar

Mário de Alencar deixou as seguintes obras:

- 1.º - Poesia:
— Lígumas, 1886;
— Versos, 1902, 2.ª edição, 1909.
- 2.º - Prosa:
— Alguns escritos, 1910;
— Se eu fosse político, 1913;
— Dicionário de Rimas, 1908;
— O que tinha de ser, (nove- la) 1912;
— Contos e Impressiones, 1920.

SUMÁRIO

- | |
|--|
| <p>PÁGINA 11:
— Notícia sobre Mário de Alencar.</p> <p>PÁGINA 12:
— Bibliografia de Mário de Alencar.</p> <p>PÁGINA 13:
— Apreciação sobre AUTORES E LIVROS, de J. C. de Macedo Soares.</p> <p>PÁGINA 14:
— Palavras aos leitores.</p> <p>PÁGINA 15:
— Sumário.</p> <p>PÁGINA 16:
— Raimundo Corrêa e Guimarães Passos, de Mário de Alencar.</p> <p>PÁGINA 17:
— Alguns quadros do passado que recordam uma existência inteira, de Carlos Magalhães de Azevedo (da Academia Brasileira).</p> <p>PÁGINA 18:
— Mário de Alencar, de Tristão da Cunha.</p> <p>PÁGINA 19:
— O coração, bates tão forte!, versos inéditos de Mário de Alencar.</p> <p>PÁGINA 20:
— José de Alencar, de Mário de Alencar.</p> <p>PÁGINA 21:
— Correspondência de escritores — Carta de Mário de Alencar a Alberto de Faria — Carta de Graça Aranha a Mário de Alencar.</p> <p>PÁGINA 22:
— A poesia de Mário de Alencar: — O Africano; Depois de ler a Ode I, de Horácio; Pazes; Na valsa; Mão; Marininha; Ponto final; Soneto; Poesia.</p> <p>PÁGINA 23:
— A poesia de Mário de Alencar: — O Africano; Depois de ler a Ode I, de Horácio; Pazes; Na valsa; Mão; Marininha; Ponto final; Soneto; Poesia.</p> <p>PÁGINA 24:
— Correspondência de escritores — Carta de Mário de Alencar a Afonso Celso (fac-símile).</p> <p>PÁGINA 25:
— Saudade de Mário de Alencar (do "Meu diário"), contado a Dias de Barros, de Jackson de Figueiredo.</p> <p>PÁGINA 26:
— Os Sinos, de Edgar Poe (tradução de Mário de Alencar).</p> <p>PÁGINA 27:
— Dois capítulos de O que tinha de ser.</p> <p>PÁGINA 28:
— Um inédito de Mário de Alencar — Mamãe.</p> <p>PÁGINA 29:
— A figura de Mário de Alencar, de A. Austregesio (da Academia Brasileira).</p> <p>PÁGINA 30:
— Os Sinos, de Edgar Poe (tradução de Mário de Alencar).</p> <p>PÁGINA 31:
— Um coração, flor de ternura, de Plínio Barreto.</p> <p>PÁGINA 32:
— A poesia rara de Mário de Alencar, de Olavo Bilac.</p> <p>PÁGINA 33:
— O Pesadelo, de João Alphonsus.</p> <p>PÁGINA 34:
— Ephemérides da Academia.</p> <p>PÁGINA 35:
— O Intermezzo, de H. Heine.</p> <p>PÁGINA 36:
— A vila, conto de Graciliano Ramos (com ilustração de Osvaldo Goeldi).</p> <p>PÁGINA 37:
— Curso de estudos da Amazonia — Terceira aula: — Geologia da Amazônia — Gerson de Faria Alvim.</p> <p>PÁGINA 38:
— Os livros do Colégio de Pernambuco, de Berafim Leite.</p> |
|--|

RAIMUNDO CORRÉA E GUIMARÃES PASSOS - Mario de Alencar

Em 1921, ao serem transportados para o Brasil os restos mortais de Raimundo Corrêa e Guimaraes Passos, que, tendo morrido em Paris, ali haviam sido enterrados, a Academia Brasileira dedicou aos dois poetas uma de suas sessões íntimas — uma de suas charadas sessões de saudade.

Na mesma ocasião que Mario de Alencar pronunciou o discurso, que aqui reproduzimos:

"Senhores, quando aqui se discutirão sobre o que deviam fazer à chegada dos restos de Raimundo Corrêa e Guimaraes Passos, remevidos pela Academia de sepulturas preceitas em Paris para jazigos permanentes em cemitério desta cidade, eu, que tivera a iniciativa desse ato póstumo, opinião que a cerimônia da sua realização consistisse, com a assistência de todos nós, num discurso que ali fizesse, com singularidade de lugar, os nossos sentimentos de carinho e admiração.

Combatí, e que era propósito de iniciá-lo e já no costume em nosso Instituto, a ideia de aparelhámos em câmara ardente uma de nossas salas, eletrobras, corretamente, uma sessão solene com uma ordem do dia de saudade.

Fui apenas entendido em parte do meu pensamento.

Pensava eu, e penso que não era à ocasião de cerimônias fúnebres. A morte fere muito uma vez, e a comédia que produz não se prolonga nem se retova, e mal se exprime em palavras, senão e que repugna à palavra. A beira de uma cova recem-aberta, pode ser um gemido e um grito que se articulam; mas esses mesmos tecem o seu compasso peculiar, o seu extremo de acuidade e o seu prazo de extensão e extinção. Decorridos uns anos sobre o passamento de Raimundo Corrêa e Guimaraes Passos, nos lires recolhemos os ossos, mas não os recobremos mortos; vivos, incorpóreos embora, ou por isso mesmo integrados em nossa existência, permanentes em nosso espírito, arrebatados de uma vida superior no espaço e no tempo.

Não era, pois, um dia de luto, da chegada dessas reliquias, salvadas pelo nosso carinho, restituídas à terra que eles amavam, a ocasião era de suave prazer; não cabiam insignias mortuárias, não havia lugar para crepes e círios, senão para a morta e o louro, que são o símbolo da poesia e da glória.

Eu, que os amei, sinti que não poderia reavivar a saudade sentida, nem saberia simular a voz com que vós dissesse aquilhão anos as minhas lembranças de Raimundo Corrêa. Minha emulação é de ternura, de contentamento, de confiança na vida que para ele já não morre. Se o homem que ele era, se transformou, a volta do qual ele foi, é mais do que um resarcimento, uma continuação.

Pediremos, acaso, recitar que se deformar, se altere ou se apague, hoje, que não a toca a contingência humana, essa imagem de bondade e que é a mesma que temos ante os olhos? Pode acaso diminuir ou cessar a voz que em nós nos está falando dele?

Enquanto exista, concretamente, ele era efêmero, e sujeito a mudar; a incerteza dos seus minutos comunicava às próprias palavras eternas que ele fixou, um tom de transitóriedade que é o de toda a vida, sensível em seu curso. Agora, porém, para o sentirmos compreensos, para ele estar presente, não precisamos senão da nossa lembrança; e esta lembrança é, constante, se aviva e atua em nós, sempre que uma impressão da natureza ou dos homens, e uma reflexão do nosso destino aflora em pensamento; porque este surge nas palavras harmônicas, agora, sim, eternas, em

que ele cantou o seu sentimento, que é o de todos nós. Recordo-me, por exemplo, de Machado de Assis, nos últimos dois anos da sua existência, dobrado sob a máguia da viúva solitária, e quase esquecido da sua filosofia amarga, frequentemente, em nossos passeios, num híato de conversa, ou como um comentário de observação anterior, ouvia-lhe os versos de "Mal secreto"; e Machado de Assis também fixava em vozes grandes e profundas de poesia e sentimento humano; mas ele mesmo pensava nas palavras do poeta irmão à sua fala de melancolia. E não é verdade que ali comouse a caminhando a figura meditativa de Raimundo Corrêa?

Raimundo não podia morrer; nós o vivemos e não de vivi-lo os que viverem a nossa língua; e ele antes já era a pura personificação de um idealismo sem formulações. Homem particular, ou público, entre amigos ou estranhos, não era mistério, nem reabilidade para lhe meter a essência espiritual, que se evolava no sorriso da sua palavra ou na melgueira da sua ação.

Juiz-poeta, não porque desse melodioso ritmo as suas sentenças; que outro já houve mais austero, mais discreto, mais judicioso, e entretanto, mais suave, mais conjugado ao julgamento, mais contente do bem que fazia a um homem e mais deido pelo bem que fazia aos homens punido um homem? Boué por ventura muita alma seca e embutida que se tivesse rido daquela bondade feminina, apertada sob a toga, daquela pena que tremia cumprindo o estatuto severo, daquela simpatia que mandava com brandura, que supria a lei, que certificava o mal remediable e que chorava o castigo necessário. Eu lhe ouvi a confidência de suas alegrias e mágoas de magistrado. Era dos mais firmes executores do direito; mas não desfrutava, nem ilusoriava, e só realizava o direito como uma obrigação social. Juiz, julgava em consciência, homem julgava em honra, com tollerância, com amor. Convivendo com ele, compreendi o que pode ser um verdadeiro cristão prático, de ouvido sempre aberto e credo para a escusa, e de olhar relutante para a maldade que lhe apontavam.

Austero e piedoso, mas sem tristeza, outros, que não eu, quase todos, atribuíam-lhe esse estado de sentimento, ilídios pelo seu aspetto ao primeiro encontro.

Eu nunca o vi triste, sério, sim, grave, concentrado as vezes, mas quase sempre alegre, não choqueiro, não de risos largos, porém, ingenuamente, espiritualmente alegre. Vede os títulos dos seus livros: *Primeros sonhos, Sinfonias, Versos e Versões e Alegrias*; reparai dentre as suas poesias, em quantas vibraram de prazer e gosto alto.

Deleitava-me a graça dos seus comentários e o gosto com que ele ouvia e repetia os lances cômicos, lá idealizados.

Seu embargo de um nervosismo agudo, era espontaneamente jovial no trato dos amigos; e estou a lembrar-me de um brinco seu na fase mais aborrecida e caustosa da sua vida. Tinham suprimido o seu lugar de secretário de Legação, e ele voltara a ser juiz em disponibilidade com a ministra de duzentos mil réis. Morava em Niterói, e no pequeno pátio interno de sua casa achava jeito de cultivar quatro ou cinco plantas, entre as quais o sabugueiro, cuja história já vos é conhecida. Ali nasceu talvez seu meado por ele um pé de fava gigante. Raimundo sorria vendo-se embainhar e crescer e enfim num primeiro de abril, colheu duas das maiores, que separam de fato, com quem uma vez os ouvia. A sua

disfarce, endereçando-as a Arthur Azevedo, e Valentim Magalhães. Foi ele próprio deixá-las na Secretaria da Viação onde trabalhava Arthur e no escritório de Valentim. Em cada envelope escrevia uma diferente quadra facta, do trocado com as favas que mandava sem mandar o amigo as favas. E teve o seu dia contente, e narrava-me rindo a inocente pulha pregada nos dois amigos. Que temperamento macambudo de misantropo, qual o julgavam, egutaria de um brinquedo desse?

Mas estareis a pensar nos seus versos, em *Misanthropo*, *Mal secreto*, *Meditações* e outros versos de máguia concentrada de entendimento do destino, de descrença e desesperança. Ninguém as disse mais intensamente.

E que Raimundo era uma pessoa complexa, qual é a natureza, e por isso é como ela, contraditoria para o nosso entendimento unilateral ou superficial. Tinha a inocência, a candura, o espanto riso de um menino, e ao mesmo tempo a sabedoria, a ponderação e as apreensões de um velho pensador austero. Nos seus atos e palavras era essa dualidade que transparecia, maior ou menor, segundo passava de um ou outro desses polos do seu temperamento moral.

E tudo naturalmente, sem máscara, e sem cálculo; nenhuma reserva na sua expressão. Ninguém jamais cruzou, com menos embargo e tanto maravilhamento a nudez feminina no belo do contorno e das atitudes. E dizia-se o anseio divinatório de um adolescente e a sensibilidade imaginativa e quase operária de um rasto.

Contraditorio poeta no sentimento e nas impressões porque interpretava o homem; porque vivia; e ele foi o primeiro a cantar a própria contradição do sentimento da vida:

Viver, ou sei que a alma vive. A vida é só dor, morta. Prante que a não alivia. Olhos que a estão a verter. Sufra a veracidade embora, sofra, mas viva, mas bala. Cheio ao menos de alegria. Da vida, de viver!

Mais contradição porém é a da sua profunda sensibilidade com a impessoalidade da sua expressão; inconfundível com outros e de força característica tal que até as traduções, pelo cunho que lhes dava, as convertia em composição sua, quase sempre melhor do que o modelo; nenhum poeta na lírica brasileira falou menos de si mesmo, do seu próprio sentimento; mas nenhum outro disse mais nem tanto os estados da alma, o se coração de todos os que vivem.

Ele, o poeta, era o instrumento musical da palavra; a sua poesia era o diálogo, o eterno diálogo entre a alegria do viver e a meditação da vida; entre o encanto dos olhos e a melancolia da alma debrucada sobre o mundo. Uma coisa é o viver, mas nem tanto os estados da alma, o se coração de todos os que vivem.

E foi que lhe permitiu ser o homem jovial e o fôlego triste; ter enlevo e amargura, ser como a natureza, que não chorava, e em que o sofrimento e o veneno se convertem nas formas da beleza e nas essências do perfume, em que as lágrimas castam, ou compõem seu destino ou utilidade aparente, maravilhoso de graça, como as vezes é uma simples pedra, um pequeno inseto, uma flor.

Raimundo Corrêa teve poesias, as vezes versos, que são assim, verdadeiros milagres de feitura, que fixam a utilidade e o entendimento do que é belo em outro fim que o ser belo. São como brincos de artista, pedacinhos de luz, amentes de poemas. Ficam para sempre em palavras, é como seiva invisível mas sensível, que lhe aviventa e conforma a obra, e dela trans-



Mario de Alencar, em companhia de Mapalhão de Azevedo, em 1947

artiu realizou a perfeição suprema. Os seus versos, quase todos, atingiam, não importa com que esforço, a verdadeira espontaneidade, que é a do inevitável; e quase sempre a elaboração foi de elementos simples; as imagens e os verbos são como que emanados dos próprios objetos versados, e os epítetos, se alguns são raros e de ornato, na maior parte são os que nos deviam nascer dos sentidos e das sensações.

São, p. c.

Rala sanguinea e fresca a madrugada. Os estandartes de arrogantes pregas. Ao ruir de frentões. Idares. O sol e a luz nadia e alvia desejada. Bebê-las os rolos.

Pelo bumbum, em bumboletas lento, E na capata e nas palmas dos enqueridos.

Remetiam-se os ventos.

E tudo verde, verde... E tudo Verde, não sei mandando, que, enfim, para quebrar essa monotonia Da cor, as vezes, um morango ri, Vormelha, entre a folhagem. Como em lâmpada verde de veludo. Um belo de rubim.

Era e bezoura.

A moça e maribondo a abela, e

As metálicas asas a vibrar. Ivenpa

As fulvos enxames zumbidores.

Extremando, cantando no ar...

Olhos negros, grandes alhos.

Que o amor secando num vidro.

Lume falso.

E lume dos do rebolhos.

Com e brando amentivo.

Mais deixa.

Na azul esterno as bolas.

No azul eu brilho a chama.

Pai, incendiada no sol.

Despidi o croata vila onde

Se o escravo, rindo se excede.

A lama em seu corneado.

Contemplo o infinito... Um bando

De gerônimos voando.

Passei desfrutando...

Seu azul, a lama se perde.

Seu longe olhar se perde...

Contempla a mar, silenciosa.

Ora maria, ora raliva.

Val e riva, ora maria.

Entre as pontas do arcozelo,

As vezes leva um envelhecer,

As vezes um bicho ralo.

Contempla o sol, resplandecente.

Tudo... Milhares de degraus.

Fim o seu degrau tem.

Viu-se a corda de sua vida.

Novos degraus vêm.

O alma contemplativa.

Viu-se a corda de sua vida.

Entre as cordas, a lama.

Com que a Curna te apelou.

O instante vêlo... E vêlo.

E vê Áquela respeito...

e nas outras redondilhas igualmente belas do Lede e estrela;

(Continua na página 25)

Alguns quadros do passado que recordam uma existência inteira — Carlos Magalhães de Azeredo (da Academia Brasileira)

The better part of one's life consists of his friends' ships.

Abraham Lincoln.

ROMA, dezembro de 1941 — Uma tarde de inverno, em S. Paulo: São Paulo de época já remota — do último ano da monarquia; S. Paulo, onde apenas se esboçava o suco da sua juventude, destinada a crescer tão rápida em proporções colossais; S. Paulo, cidade de província, ainda, cidade universalista e romântica. O jardim do largo de S. Bento, atravessado por poucos e lentos transeuntes — flanadores — com, vazio, quasi todos os seus bancos, entre a verdura escassa das árvores raiquicidas. Em um desses bancos, dois rapazes, dois estudantes novatos, de 15 anos, conversavam. E a primeira vez que conversavam, assim, longamente e despreocupadamente, com a simplicidade, a pesada confiança reciproca, o equilíbrio abandono, próprios daquela idade.

A conversa é toda literária. Os dois adolescentes calouros pertencem à numerosa categoria dos estudantes, que durante o curso inteiro da faculdade, lerão mais páginas líricas, romances, contos, ensaios, críticas e filosóficos, que obras jurídicas e possilhas de catedráticos. Nomes de poetas, sobretudo, se iluminam frequentes, naquela palestra, que se iniciou penetrada de mútua benevolência, se tornou logo expansiva, e tende a culminar na intimidade fraterna, natural para duas almas quasi infantes, sem passado, que, encontrando-se, descobrem uma na outra os seus mesmos gostos, os seus mesmos ideais.

Mário de Alencar e eu eram, nesses dias rapazes; já não havíamos falado outras vezes mas brevemente, no pátio da Academia, na avenida do Correio Mercantil, nudez, sobrinho de um dos proprietários, Leô d'Alfonseca, principiara logo a imprimir versos, e eu também já imprimira alguns; ele já pu-

blicara, até, um pequeno volume, "Lágrimas". Nessa tarde de inverno, flanando ambos a esmo, aproximáramo-nos o acaso, porque trilhávamos a mesma calçada; e sobrando-nos vagar para extensa prosa, nos sentáramos lado a lado numa ala de largo de S. Bento.

De tão longe, no tempo e no espaço, resurge diante de mim esse quadro singelo, ingênuo. Tudo revoja: a imobilidade da hora vesperina, mas ainda penetrada de mútua benevolência, se tornou logo expansiva, e tende a culminar na intimidade fraterna, natural para duas almas quasi infantes, sem passado, que, encontrando-se, descobrem uma na outra os seus mesmos gostos, os seus mesmos ideais.

Mário de Alencar e eu éramos, nesses dias rapazes; já não havíamos falado outras vezes mas brevemente, no pátio da Academia, na avenida do Correio Mercantil, nudez, sobrinho de um dos proprietários, Leô d'Alfonseca, principiara logo a imprimir versos, e eu também já imprimira alguns; ele já pu-

simultaneamente, se desejava recordava no céu, dura e nebulosa, a serra dos Órgãos. Depois, desenrojava-se a lita brumosa das arribas do Copeabana; íamo-nos afastando, já mais velozmente, das montanhas severas do litoral. A medida do peso, toda a tristeza erante da saudade... Mas não me dizia o coração não, de modo algum, que eu via pela última vez o meu amigo!

Nem o lugubre presentimeto me obcecava jamais o espírito, nos cinco anos e meio, que se seguiram. Afagando o projeto de uma próxima volta ao Brasil, estava seguro inabalavelmente seguro, de encontrá-la lá, como nas outras estadas, e de reconhecer com ele, por longos meses, aquele fio, invariável, encantadora convivência de todos os dias, que era para ele, como para mim, uma felicidade sem travo. E a troca frequente de cartas, longas e expansivas como coloquias verbais, mantinha sempre alegria essa esperança.

Ah! um telegrama de duas linhas a destruiu brutalmente, cruelmente!

O golpe foi dos que prostram uma alma por terra. E quando ela se levanta da queda, o aspecto e a significação da existência aparecem, em torno, substancialmente mudados.

De fato, com a morte de Mário, ruia uma coluna máxima do meu edifício moral. A nossa amizade era uma coisa rara, uma coisa de perfeição, portanto um reflexo da Divindade. Era, em todo o valor do termo, uma fraternidade de eleição, mais firme e mais santa, que muitas nascidas da identidade do sangue. Era fundada, não só no mútuo afeto capaz de estrenuos sacrifícios, mas no mútuo respeito de uma alma pela outra, na mutua confiança absoluta, na intangível sinceridade dos pensamentos e das palavras, sem o mínimo aditivo para a lisonja, ou, apenas, para a reticência. Era um sentimento ideal até nato — que não dependia da presença física, e realmente, Mário e eu vivemos divididos, quasi sempre por imensas distâncias; como a ação da Providência — e era, desse, em verdade, uma das mais sublimes, das mais caras manifestações — ela, invisível e operante, superior aos impedimentos comuns do tempo e do espaço.

Mário era para mim um coadjutor, um guia, um modelo, um árbitro, um mestre. Se uma dúvida me torturava a consciência, à luz do seu critério eu recorria instintivamente. De um dissabor, uma desilusão, uma tristeza me entenebeciam o espírito, para ele, de perto ou de longe, eu apelava, pedindo consolo e direção. Digo mais: se eu cometesse uma falta grave, se, na amargura do arrependimento e do remoroso, me cruciasse a necessidade da censura leal e intrepida, unida, entretanto, à generosa indulgência e à crença comunicativa na minha capacidade de redenção, a ele me dirigiria sem hesitar como ao mais piedoso e mais prudente dos confessores.

Ninguém, pois, melhor que ele, conheceu a minha vida moral; ninguém, porventura, tão bem como ele, conheceu todos os meandros — às vezes caprichosos — da minha evolução intelectual, desde a adolescência até hoje. Sempre que as circunstâncias o concediam, eu, mesmo daqui, lhe submetia os meus escritos, antes de publicá-los. As suas limpadas e excelentes observações eram sempre facultadas com a particular

VERSONS INÉDITOS DE MÁRIO DE ALENCAR

O coração, bates tão forte!

O coração, bates tão forte!
E tão depressa!
Mais devagar!
Mais devagar, ou voles cessa
Subitamente de pulsar.
Mas não me estés relendo!

[brando]
A morte, a morte, a morte, a morte.

Como um badalo badalando
Dentro de mim,

A morte, a morte, a morte, a morte.

Com a voz instantânea, a todo instante.

Souando assim!

Teu ritmo ansioso não consente

Que eu sinta a vida circunscrita

Que eu sinta a minha mesma vida.

No gosto leve e inconsciente

Da sensação indefinida

Que opera o instinto

Tu bates tanto que eu te sinto

O ressor teu e o seu efeito.

Sinto que bate o teu tic-tac

Ao mesmo teito

De um velho pêndulo cansado

Antes que, finda a corda, estabeleça

Na extremitade oscilado.

Assim a ouvir-te me parece

Na tua presa, o teu cansaco.

Tua iminente cessação.

E a ansia que cresce

Em ti me faz faltar o espaço.

Tira-me o ar.

Deixa-me afito.

Numa agonia sem desfecho.

Em que rem grito

Me é já possível de socorrer.

Em que oleavantes os lábios

Smesso

Smem lenitivo.

E em que não morro.

E em que não vivo.

Durante instantes de infinito.

Sm a esperança de acabar...

O coração, mais devagar!

Não é olhar.

Estar assim.

Sm morrer, a morrer

Sm final

(Continua na página seguinte)

Mario de Alencar - Tristão da Cunha

Não foi dos menores serviços de José de Alencar às nossas tenças o ter-nos deixado em seu filho o complemento de seu esplendor. Assim se renovava sem repetir-se a admirável raça intelectual. Homem de onipotente imaginação romântica tinha, aquela tanto de lirico quanto, Mário de Alencar tem de autêntico. O autor do *Guarany* arrastava-nos, ebrões e encantados, em seu sonho. O filho nos faz compreender. Se José de Alencar foi seu pai, Machado de Assis foi seu padrinho. Mário de Alencar é, como ele, um dos nossos raros detentores do espírito de literatura. Não menos que o mestre, é um verdadeiro casuista. Mas a Machado de Assis a enfermidade e o sofrimento juntaram-se a obstruções sobreviventes mentais, impunha-lhe uma verdadeira dualidade. Perante os objetos que o seu olhar agudo a tristeza tinha penetrado e desmontado, foi de uma ingenuidade infantil. Seu pessimismo era impessoal, de algum modo abstrato. Na vida sentimental ele acreditava em toda a sorte de possas, segundo a maioria dos grandes óticos. Conservou escrínias ilusões até ao fim. Não tendo possido bastante a vida, amou sempre o mistério oculto.

Menos amargo, menos dolorosamente profundo, Mário de Alencar me parece mais uniformemente melancólico. Nunca buscou o contentamento satisfeito do atípico. Não tem uma demonstração azeda a fazer. Seu cuidado não são os grotescos maus os tristes. Move-o mais a simplicidade que o ambiguo deleite crítico. Não se diverte dos seus personagens, compadece, examina, explica. E entre nós uma sorte de Stendhal dos timidos. Sua obra de ficção, como aquela história do Senhor de Lourdes, é um claro-escuro cujas perspectivas se vão estender em longas e saudosas meditações. Nítida as suas figuras tombam de existência. Sonham dela, e não ousam penetrá-la. Ignoram e orgulham.

Tia Lú, a principal novela do seu último volume, *Contos e Impresões*, é a história dum coração amplo, cheio dum ardor devotado a esperar toda a vida do coração fraterno e necessário. Irmã da Felicidade do Ceará Simples, tia Lú tinha de ser e, foi entregando piedosamente a alma entre mãos frias, ocupadas ou indignas, todas incapazes de lhe receber. E morreu, oferecendo-a ainda por intermédio de pequenas lembranças.

Nesta mesma nota, e cuido ser a sua obra-prima de observação interior, de emoção e de verdade secreta, temos *Correio e Impresões*, a história dum coração amplo, cheio dum ardor devotado a esperar toda a vida do coração fraterno e necessário. Irmã da Felicidade do Ceará Simples, tia Lú tinha de ser e, foi entregando piedosamente a alma entre mãos frias, ocupadas ou indignas, todas incapazes de lhe receber. E morreu, oferecendo-a ainda por intermédio de pequenas lembranças.

Todo o talento de analista minucioso e amplo de Mário de Alencar está nestas novelas, onde quase nada se passa mais que o que se passa além do olhar comum. Ninguém melhor que este autor sabe deduzir os termos de melancolia cuja progressão leva tanta vez a uma dícosa demência, alguma vez ao desespero, e, o que é pior, o mais das vezes a inéria moral.

Poeta, devemos-lhe alguns trabalhos perfeitos na forma e naquela capacidade de sensibilidade intelectual que o distingue. Que ele é sempre e acima de tudo observador comovido. Entre suas melhores páginas estão as em que nos diz sua impressão direta dos livros e da vida. Que honestidade! Que finura coelhial! Que entendimento poético das coisas! Pense agora em certas linhas que fixam um canto de luar na floresta de Terezópolis, a muralha das cigarras ou ainda o seu assombro divertido de homem de gosto perante a vã verbação política de certas celebrações. São verdadeiros regalos espirituais.

Mário de Alencar é mestre do dizer. Seu estilo é sítio no pequeno grupo dos nossos grandes escritores. E entre estes, se tem igual, não tem superior.

Rio, Novembro de 1921.

JOSE' DE ALENCAR - MARIO DE ALENCAR

Entre os escritores brasileiros, José de Alencar é dos que mais se prestam a esta espécie de páginas escolhidas. A sua obra extensa, de vários gêneros e feição múltipla, se alguma dificuldade oferece para a escolha, é a da exclusão; vacila-se em deixar a parte qualquer dos seus livros, e ainda, nos volumes assinalados, os capítulos ou trechos em nada inferiores aos outros. Mas o número tem de ceder ao limite das páginas e à combinação que apresente em miniatura a história completa do escritor. E quem o seleciona conscientemente não deixa insensível à responsabilidade do encargo; parece-lhe estar operando antecipadamente o ofício eliminador do tempo, o qual, — no reves do que faz com as obras dos primitivos escritores exhumando-as, reunindo-as e avolumando-as, — em relação aos modernos, pela impossibilidade de conservá-las na sua multidão, enterra-as em esquecimento, inutilizá-las, ou apenas lhes toma uma parte que as lembre ou lhes permita ocupar um ponto de referência na memória humana.

Que significa em verdade o pensamento de fazer páginas escolhidas dos escritores, não a certeza de que já o homem contemporâneo e o vindouro não terão vaga para a leitura deles? E no caso de terem para alguma ou algumas das volumes por ventura não acertariam com o melhor, com o livro do autor.

Nas literaturas primitivas o trabalho mental participava da condição da natureza: era espontâneo, lento, oportuno, como a criação da planta, do cristal, dos animais. A transmissão mecânica do livro multiplicou-o e, facilitando-o na apariência, perturbou-lhe a reivindicação. Gradativamente mais afastada da natureza, artificiamente inspirado e estimulado, o escritor moderno sofre em si mesmo a multiplicidade da produção; aí, não tem a paciência da geração demorada e temporal, e concebe e produz à mercê das circunstâncias e dos acidentes: e o seu *livro*, raro é que surja na forma congenial, na unidade da sua essência, na plenitude da sua força, ainda prematuro, fragmentado, ensaiado e repartido em muitas obras, incompletas por isso mesmo, e imperfeitas cada uma de per si. E' um milagre, tão pouco depende já da própria vontade e clarividência, refazer um escritor as condições de criação pura e espontânea, que os grandes autores de outros tempos lograram.

Flaubert, que personificou a conciência e probidade mental do escritor, sentia e entendia a necessidade do único *livro*, mas não pôde sobrepujar as influências exteriores do momento e do meio, nem vencer os desvios ocasionais do seu próprio espírito; e resignou-se imponente a deixar o seu *livro* espalhado em alguns volumes, e, ainda por bem, deles em só alguns volumes.

Que escritor moderno terá sido capaz e feliz de acertar com o seu *livro*, imune da sedução do público, das contingências das modas, do interesse da vaidade? O acazo, simão a adversidade e a desgraça, é o ocasionador desses momentos de plenitude, em que o infinto se deixa aprender e fixar. Só a prisão de Cervantes proporcionou a criação do *D. Quixote*, e ainda foi isso em tempo anterior à fase livreira e mecânica da humanidade.

E se é já inacessível a um autor o momento justo da criação, no público torna-se impossível rastreá-lo na obra volumosa e dispersa de tantos e tantos, quase inumeráveis autores do seu mesmo país e do mun-

do. Daí provém a busca e a publicação das páginas escolhidas em todas as terras onde há leitores. E' um instituto e uma providência de salvação nos dilúvios das bibliotecas. Mas daí também a responsabilidade para o que se incumbe da escolha, que não há de ser feita, a esmo nem ao critério só do gosto individual, mas em observância de que caracteriza o escritor em suas feições e pode desenhar-lhe o *livro*, o talento e a alma.

Em José de Alencar houve, reveladas na sua obra, duas pessoas distintas, que não se confundiram nem contrariaram, posto que contrárias uma à outra. Ela foi paralelamente um poeta de idealizações extremas, e um homem prático e positivo: o primeiro dominado pela imaginação, pelo sentimento e pela fantasia, o segundo pela razão, pela realidade e pela prudência; no primeiro prevalecia o talento, no segundo a inteligência; a obra do primeiro criou-se espontaneamente, sem propósito; a do segundo foi o produto da vontade; uniu-os um traço comum: a indez, a alma brasileira.

Definem-se na sua vida duas fases: a do poeta de ficção, de 1855 a 1868, e a do político, de 1868 a 1877.

Com ser espontânea, não foi precece a produção do escritor fantasiado. Não tinha ele talvez a conciência da elaboração interior, nem o estímulo da validade, que o levasse a recorrer à imitação para surgir antes de tempo. A preferência de seu espírito era para as obras de ficção; nesse gênero fazia os seus primeiros ensaios; mas ele mesmo não teria previsto, ainda depois de formado, a obra que o sagraria escritor. De 1860 em que se diplomou até meados de 1864 em que iniciou a colaboração no *Correio Mercantil*, como folhetinista, foi exclusivamente advogado, e alguns artigos escritos para jornal versavam sobre assunto jurídico. O folhetinista teve êxito, e um ano depois, assumindo a direção do *Diário do Rio de Janeiro*, o mais antigo jornal do tempo, Alencar demonstrou possuir as qualidades primícias do ofício: agilidade de pensamento, formação diaética, agudeza de inteligência, rápida apreensão dos fatos, e sobretudo a palavraria fácil e brilhante. Todas as circunstâncias influíam para que José de Alencar fizesse da imediata somente jornalista, como outros escritores que tiveram o grande renome, e com que ele já rivalizava. Nenhuma profissão mais adequada a satisfazer os estímulos de glória imediata, nem humana, quando sinnera, mais exclusivista de outros labores, nem humana mais absorvente, mais violadora do espírito para o método de trabalho e para o gosto da obra. Pois foi justamente nesse período de ilustre jornalista, em meio de uma atividade febril, excessiva, quando todos os assuntos, político, história, economia e administração, lhe ocupavam a pena em artigos múltiplos; quando era o momento da ambição política, foi al que apontou o romancista. Pouco antes como um prenunciador, o crítico, ou melhor as impressões, o senso de poeta, despertados pela leitura d' *Confederação dos Tambores*, poema de Gonçalves de Magalhães. As *Cartas de Ig*, eram a exposição da sua estética, o esboço do poema que ele teria feito sobre aquele assunto. Tinha-se polarizado a inspiração que o menino e o adolescente haviam sentido, inconscientemente, sem atinhar-lhe a forma nem mesmo sofrer a necessidade de configurá-la. A geração operava-se oculta. Cinco

anos, *A Viúva*, romance feitos como distração e repouso da tarefa de folhetim, e escrita dia a dia em folhetim, saíram dois mimos de graça, foram como os primeiros saltos de uma ave que ensaia o vôo para fora do ninho. Na mesma despreocupação de folhetinista, também escrito dia a dia, e sem nome de autor, comecou logo depois a ser publicado *O Guarani*.

Desde os primeiros folhetins fez esse romance uma impressão nova e forte, e em breve empolgante de todo o público na Corte e alié onde chegava o jornal nas províncias. Havia unicidade e entusiasmo pela sua leitura, por que? Não era um romance de aventuras, nem de análise de paixões; não reproduzia os costumes do tempo nem figuras da atualidade, nem na exposição se afastava do processo das narrativas e romances.

Sem dúvida pela sua estrutura era, o que não tinham sido os romances que se escreviam no Brasil, uma composição artística, de plano definido e proporcionado, com personagens, que, dentro da lógica da sua concepção, eram figuras humanas inteiras e vivas, não puras manequinas ou só aspectos de pessoas.

Mas o público leitor daquele tempo conhecia por tradição ou no mesmo original grandes romances de autores estrangeiros, entre os quais os de Walter Scott, que haviam servido de modelo do gênero do autor do *Guarani*. Não viria pois, apesar de sua primazia em praticar com sucesso a técnica do romance, e entusiasmo produzido por essa obra de ingénua felicidade no público brasileiro. Nem seria por ter um indígena como uma das figuras centrais; já Barroso, D. Gama, Durão, Gonçalves Dias e G. de Magalhães tinham introduzido o selvagem na poesia épica e lírica. O entrelado do *Guarani* era singelo; o tempo da ação remoto, o lugar da distante. O que no *Guarani* o público achou, diferente dos outros romances daquela e de forma, foi a inspiração fundamental, a sinceridade e a espontaneidade da expressão, a poesia desenfada de si mesma, intuitiva, fragrante do aroma da terra serra; era em suma a alma brasileira do livro, da qual ele vivia e tirava o próprio corpo, e a forma da linguagem que o vestia.

As páginas que para o público

o *Guarani* revelou o sentimento poético da terra brasileira, para José de Alencar foi a revelação dele próprio. Foi a sua primeira produção genial, e por isso mesmo inconsciente. Continuou-a, em parte *As Minas de Prata*, que se relaciona com *O Guarani* em um dos personagens, e num dos motivos do enredo; desenvolvem-se e complicam-se ali as faculdades artísticas do romancista, no poder de dramatização e na multiplicidade e variedade dos personagens. Mas o que era só espontâneo é agora refletido e preparado, a arte desce às vezes em artifício; o gosto de aventura prevalece sobre a unicidade da fantasia, e atinge o fantástico. A ficção entretanto, com todos os seus excessos romanescos, vive: o talento de narrar e descrever domina o leitor e arrasta-o entre o impossível e o inverossimil, interessado pelas figuras centrais do livro, cada uma delas típica, evidente e palpável, na sua configuração. E ressaltam em vivacidade não somente os protagonistas do drama complexo; todos os personagens, até os meros episódios, tem relevo próprio. Não há no romance análise de caráter, mas cada caráter se define, se acentua dramaticamente ao choque dos sentimentos.

Nesse sentido *As Minas de Prata* constitui uma comédia humana em que se exibem as principais modalidades de caráter e temperamento: a ambição, a austeridade, a piedade, a abnegação, o amor misto, o amor ingênuo, o amor sensual, a religiosidade, a resignação, o fanatismo, o orgulho, a bravura, o cavalheirismo, a nobreza, a perversidade, a lealdade, a avareza, o patriotismo, a amizade; todos manifestados individualmente na própria ação de cada figura. E o romance mais representativo do engenho dramático de José de Alencar, o qual pouco antes já se demonstrava no teatro, desde a comédia leve e suelta e de costumes, ao mais intenso drama em *Mae*.

Iracema, que apareceu depois dos perfis de mulher *Dira* e *Lucília*, foi, como tinha sido o *Guarani*, para o público e para o autor, o imprevisto; e ainda aí foi posta em prova a força do gênio. Parecia acabada a fase do indianismo literário: acerco dos selvagens tudo que pudesse interessar, estudo contado e cantado em Gonçalves Dias e outros poetas, no *Guarani* e no fundo do quadro selvático em *Minas de Prata*. Alencar ocupava-se das cenas da atualidade, e começava, com a sua obra austera de político, a aplicação mais assidua à obra de jurista. Uma viagem à província natal fez o milagre. A terra cearense, os seus taboleiros sertanejos, as suas dunas e carnaúbas e o seu mar bravo e verde, acordaram a infância do escritor: e a saudade se lhe expandiu em ritmo, não de verso culto e medido, mas de um boleio de berço, intermitência de onda, palpite de coração. A saudade refunfuou confundindo a infância do escritor e a da terra natal; vestiu-se na forma de lenda selvagem, em que a palavra traduziu a imaginação primitiva e concreta dos índios. E foi um poema, de saudade para o poeta, de perpetuação para o povo da sua própria terra, que lhe ressurgiu virgem, na sua floresta, na sua simplicidade, nos seus horizontes marinhos, e no seu encanto. Os outros romances, ainda o selvagem *Ubirajara*, como os do sertão e da cidade, foram criações do talento de artista; mas já não reproduziam totalmente as faculdades essenciais do poeta, épico, dramático, ou idílico, que concebia e realizava *Guarani*, *Minas*

de Prata, *Mae*, e *Iracema*. Estes formam o seu livro de poeta de ficção; os outros são a obra múltipla, acessória, do escritor de talento, são como irradiações das facetas do seu engenho, brilhantes, mas desiguais e inferiores à sua potência genial.

O escritor de talento e de vontade que já demonstrara no jornalista do *Diário do Rio*, volteava a sua principal atenção para a política. O panfletário revelou o pujante em: *A corrente do Leão*, *O julgamento de Deus*, *Os partidos*, *A festa macarrônica* e *Cartas de Brásimo*. No administrador, ministro desde 16 de julho de 1868 a 10 de janeiro de 1876, laborioso e esclarecido, vacila-se em qual admirar mais, se o fulgor de espírito, se a força do caráter. Ouvir-lhe éntao o parlamento a palavra de defesa e de ataque; o orador, que não parecia feito para os grandes debates da tribuna, surgiu um dos maiores do seu tempo, dos mais denodados, temidos e respeitados, porque a sua eloquência inspirava-se da consciência e da sabedoria. Não chegou a vencer, mas não foi vencido. Morreu em meio da luta, aos 48 anos de idade, quando repartia o seu esforço entre a tribuna e o jornal, sozinho, já forja do partido que o não comportava.

Entretanto não esqueceu as letras jurídicas, e as obras, que compõem, só foram publicadas três anos depois de sua morte. A fama do romancista não deixou que as lesem, e vissem o que ainda ali anteciparia o seu engenho naturalmente criador. A sua morte eliminou para os inquietos de ambição um alvo de ataque ruidoso. Desaparecida a pessoa, cuja presença podia fazer sombra a outras, e cujas possibilidades de esforço irritariam os menos esforçados, era inútil hostilizar a memória do escritor. Ficava-lhe a obra para o julgamento dos séculos. Como todas as obras humanas, sobre tudo aos dos grandes, ela havia de sofrer o fluxo e o refluxo da opinião, que alterna entre o aplauso e a indiferença, entre o entusiasmo e o cansaço de louvar.

Outros escritores surgiram e impunham-se à admiração e ao apreço, e entre eles alguns grandes e geniais, a que a idade ajudou para completarem vagarosamente a sua obra. Apontaram os confrontos, afirmaram-se as preferências, e a merecimento do gosto ou dos estudos de cada geração, val-se fazendo a hierarquia etemera dos que tem no entanto pela natureza e personalidade de seu engenho, o privilégio de não serem subordinados à hierarquia. A respeito de José de Alencar, os que temido tempo de ler-lhe a obra e possuem a perspicácia e a isenção de juízo, admiram-na em seus livros característicos: *Guarani*, *Iracema*, *Minas de Prata*, *Mae*, como uma das expressões maiores da poesia de ficção, na qual a imparcialidade e a fantasia, o sentimento e a força de ideal, pitorescos, nativos, sem meia de filosofias, que ele não tinha e não precisava de ter, como poeta que era, se conjugam numa forma pessoal, que ele não imitou a outros, e que outros não puderam imitar-lhe. Esse é o cunho do criador genial; e esse é o valor absoluto da sua obra de escritor. Da que produziu como político e como jurista, dirão os competentes, quando a tiverem lido e meditado, se não, revela também a impressão do seu gênio.

Mas há na sua obra ainda um valor relativo e grande, se a comparar com a dos seus antecessores e contemporâneos no Brasil. Ajusta enão a diferença entre o que havia e o que ele inovou, principalmente a

Alguns quadros do passado que recordam uma existência inteira

(Continuação da página anterior)

estima que o seu gosto finíssimo e a sua franqueza fraterna, meramente: uceitas, as mais das vezes, ou de pronto, ou depois de demorada discussão; naturalmente, ele me deixava plena liberdade de recusar as que me não persuadissem. E sobre os seus escritos me consultava também ele, com aquela simplicidade que era um dos seus encantos pessoais, e um encanto estranho, morbido mesmo, de suas supostas deficiências literárias, que eu me empenhava, com razão, em combater abertamente.

Toda essa nobre, maravilhosa intimidade se desmoronava, assim, de chofre. E eu ficava em atrozo desamparo, em radical desalento, como em orfão; nada podia arrancar-me daqueles dias forços, a obsessão da fônebre idéia fixa; nem a natureza, nem a arte, nem o estudo, nem interesse algum desse mundo...

Alguns quadros do passado que recordam uma existência inteira

estava eu de novo na forma de lenda selvagem, em que a palavra traduziu a imaginação primitiva e concreta dos índios. E foi um poema, de saudade para o poeta, de perpetuação para o povo da sua própria terra, que lhe ressurgiu virgem, na sua floresta, na sua simplicidade, nos seus horizontes marinhos, e no seu encanto. Os outros romances, ainda o selvagem *Ubirajara*, como os do sertão e da cidade, foram criações do talento de artista; mas já não reproduziam totalmente as faculdades essenciais do poeta, épico, dramático, ou idílico, que concebia e realizava *Guarani*, *Minas*

Correspondência de escritores

Carta de Mario de Alencar a Alberto de Faria

Rio, 7 de fev. 1921.

Meu caro Alberto.

Recebi agora (8/12 da manhã) o seu postal de J. J. Vinha para o meu gabinete com o pensamento de escrever-lhe em resposta à carta de 27 de janeiro. Deixara ontem de noite consignado o meu programa de escrita, cinco cartas, a V., e us que devo a Afranio, Otávio Augusto, M. de Azevedo e Phelipe Barreto. Para escrevê-las fui preciso levantar-me de madrugada, antes do sol, o que é difícil, quase impossível para quem vai deitar-se exausto e não concilia o sono senão às 2 da manhã. A esta hora a temperatura é mais que morna e com pouco será de suor. O resto do dia fica inutilizado: bate-me o sol pelo gabinete a dentro, e em perambula pela casa à busca de um recanto onde currapiração. Ligo um fogo à mão, ponho-lhe as olhos um momento, mas as pálpulas descaem. Procuro outro lugar de sombra, com o mesmo desprazer, e assim correm as horas. A noite, depois do jantar, poderia ler alguma coisa, mas a lâmpada elétrica esquentava o rosto, sinto o sur que me escorre da testa e pelo peito. Desabilitada totalmente do sono, depois que o passo dois

qualidade da sua inspiração inicamente brasileira, não da superfície das coisas, mas da essência da terra e do povo patrio. Sem propósito e sem preconceito, a sua obra firmou e completou a distinção nacional da literatura brasileira. Quanto ao decurso de sua vida literária, arguam-lhe a expressão para depreciá-lo e feri-lo, ele assumiu, com orgulho e entusiasmo, mental, a responsabilidade de uma missão, que lhe parecia dever ser somente um exercício de natureza. Moreu antes de poder assistir à realização dessa predestinação, e se ainda vivesse teria de arrostar os que pertinazamente confiam na parada das forças naturais, em meio da mutação dos fenômenos. As verdades que os eruditos parcialmente não veem, são mais sensíveis o povo e os espíritos claros que o tratam e estudam. E foi nesses espíritos, foi no povo brasileiro, que mais fundo calou a obra de Alencar; sob o encanto abstrato que nela gozavam, alguma coisa mais intensa e secreta lhes fazia repercutir o sentimento e vibrar as fontes da vida.

Es por que na sua morte e por dez anos sucessivos no aniversário dela, a saudade dos que em artigos ou discursos a recordavam, traduzida, em unanimidade de expressão, o pensamento de que na literatura brasileira se abria um hiato ainda não preenchido. Outros grandes escritores, e bastava citar Machado de Assis, tão grande como ele, parecia não continuarem nem poderem substituir a obra de José de Alencar. Eram diferentes, e não falavam como ele à alma do povo. E ainda hoje o povo lhe sente e busca a obra, intacta e viva, sob a passagem dos anos a que não resiste o postigo e artifício. E há sinais de que o refluxo de opinião dos letitios se inclina ao juizo, que independentemente deles se havia de firmar definitivo na perpetuidade da língua. A placa de Machado de Assis, em plena glória, já tinha em 1891 lavrada a inscrição de ouro para a estátua em bronze de José de Alencar: "O grande escritor, o robusto e vivaz representante da literatura brasileira".

29 de Julho de 1920.

Introdução de *Páginas Escolhidas*, de José de Alencar — Edição Garnier.

Carta de Graça Aranha a Mário de Alencar

Paris, 3 de dez. 1909.

Meu querido Mário:

O meu silêncio é realmente inexplicável, e como eu tenho sempre a ti no meu pensamento e no meu coração, imaginei que esta carta é uma continuação das outras, das muitas e saudosas outras que tenho te escrito.

Repto que a tua poesia me encanta. Tens a poesia do mistério e do silêncio, e para essa poesia que é vaga, que sugere, que é poesia e não eloquência, é que tens uma qualidade superior: a restrição de meios verbais, uma certa inibição de dizer, de explicar, e de proclamar os teus sentimentos inteiros. Naturalmente dirás que este é o teu defeito, para mim é a tua qualidade, porque este é um estilo moderado, meio apagado, mas rico de instilações e de evocações, é o estilo próprio à tua sensibilidade, e dà a tua poesia um ritmo tranquilo e elegia suave e larga.

Desejo ver-te sempre na poesia e que continues a extrair das Coisas o sentimento do mistério.

E' ai que está a tua magia, não nas odes patrióticas, e nos versos que se inspiram em fatos transitorios. Tu és um lírico, e é diante do mistério da vida que a tua alma se balança e canta.

Também eu não quisera verte levando a simplicidade ao extremo. E nem os quadros de Gericke são o teu forte. Penso mesmo que essa variedade que deste ao teu volume fez-lhe mal. Eu preferia a homogeneidade que saísse de uma só concepção da vida, a esta multiplicidade de expressões. Terias dado mesmo em fragmentos uma obra, como Antônio de Quental, deu nos seus sonetos. E' conselho para a futura edição.

Alí vai o meu voto para o Afrânio. Voto dado com muito prazer e confiança. E' verdade que no primeiro ocasião lhe ralharam um pouco por causa do estilo do prefácio à *Mim-Kate*.

Voto também para Paulo Barreto para suceder o G. Passos. Precisamos de um metalhista para a vaga do pobre e querido Lúcio. Vá isto.

Muitas lembranças afeiçoadas de minha mulher para você um abraço do teu verdadeiro amigo.

Graca Aranha

P. S. — Vocês da Academia não comunicam nada aos colegas ausentes. Nem eu, nem o Rodrigo, Arinos e Azevedo sabemos quando são as eleições. Não se tralhavam das novas leis?



MÁRIO DE ALENCAR, em companhia de Olegário Mariano



MÁRIO DE ALENCAR, falecido no dia 20 de outubro de 1920, neto Fabio, de 3 mrs.

A poesia de Mario de Alencar

O AFRICANO

Costuma estar ao sol, em pé, junto à portaria
Da fazenda, onde escravo arrastou toda a vida.
De um dos olhos é cego, e já do outro a ceguinha
Lhe vai grudando à face a pálpebra caída.

Do corpo seminú sob a pele entanguida
Se esboça a secular ossada quase inteira.
E a aparência ele tem enigmática e desenguiada.
De um tronco solitário em quemada clareira.

Dizem que ensandeceu de dor no mesmo dia
Em que morreu seu dono; outros de nostalgia;
Outros que é felicito e simula mudez.

Porque às vezes lhe vem súbita vida estranha,
E ele pula e desconta e risos arreganha
E agil ginge no jongo no batique dos pés.

DEPOIS DE LER A ODE I DE HORACIO

Nem tudo, sábio Horácio, o que aspiravas
E a Mecenas pedias, é o que aspiro.
A mim basta-me um placido reiro,
Entre árvores, ao pé da água corrente,
Ouvindo a voz das moscas que invocavas.
Com isso apenas viverei contente.

Longe da turba inquieta que aborreço,
Nem teria ambições, nem cuidaria
De haver glórias da terra. Na poesia
E' o grande prêmio dela o vago sonho
Com que eu, vivendo embora, a vida esconço
E num mundo melhor viver suponho.

Tão alto não irei no imenso espaço.
Que toque os astros como tu, amigo.
Mas sei que astros e céus tenho comigo
Enquanto com estes sonhos bons me iludo;
E como as aves cantam, versos faço.
Isso — que vale o mal? vale-me tudo.

PAZES

Aqui estou.
Nossa pesar,
Se começo,
Deve acabar

Já tudo jaz
Passado, a pais
Papa-se pois
Entre nos dois

Nesta questão
Que em zanga deu.
Quem tem razão,
Vocé ou eu?

Se eu é que sou,
Perdão lhe dou;
Mas se é você,
Perdão me dê.

Culpado, sim,
Um de nós foi;
Culpe-me a mim
E me perdoe.

Não basta! Quer,
Porque é mulher,
Ter o prazer
De ver sofrer?

E' muito mal
De certo que é.

Igual não há
Desde Noé.

Olha pra o ar?
Olhe pra mim.
Sem disfarçar,
Sem rir, assim

Que cara faz!
Não é capaz.
Não pode! Riu!
Já riu, que eu vi.

Custou! Mas pois
Que estamos bem,
Um... dois... que tem?
Mais um... mais dois.

Mais um! Mais um
Não deu nenhum.
Todos que dei,
Eu que os roubet

Quero que dé
Sem a força.
Posso roubar,
Mas dê você.

Agora, sim!
Meu coração,
Nos dois enfim
Temos razão.

NA VALSA

Entre outros pares, par gentil e airoso
Desliza no salão.
Da valsa ao lento giro sinuoso.
Ele que é moço e ardente
E junto ao peito o peito dela senta,
Bate-lhe o coração:
E aperta-a febrilmente
No súbito alvoroco da paixão.

Costo apoiado ao ombro dele, a dama,
Se a pressão não repele,
Nem desvencilha a mão,
Apenas flinge que o ama:
A presença do moço abstrae que a abraça,
E enquanto pousa o rosto ao ombro dele,
Por outro moço esbelto que ali passa,
Bate-lhe o coração.

MAE

A primeira palavra que meu lábios
Murmuraram, foi essa, Mãe, seu nome;
Não somente inintuita voz de fome,
Mas teria voz também balbuciente
Do coração infantil.

Então a criancinha presençia, sorvendo
Sorvendo a clara luz dos olhos teus,
O que o homem só tarda saberia,
Que é na terra a expressão do próprio Deus.

Depois tu meus lutos insinuando
E não sabida crônica no meu peito,
E ao deitar-me, de joelhos sobre o leito,
Aprendi contigo a ress obecura:
Mas em teu gesto havia tal docura,
Tão branda e grave era a tua voz resando,
Que apesar de eu nem tudo entender bem,
Tu o meu coração adivinhando
Que havia um céu e alem de ti Alguém.

Quando a fe se tornou em mim consciente
E o coração adulto
Se fes de outros escravo: nem o culto
De Deus, nem mesmo o amor novo e exclusivo
Poude aleijar o afeto primitivo.
Este ficou sem par.

Porque se do outro, Mãe, a dor me veio,
E aí vacilei na fe, sempre em teu seio
Achei consolo e a fe no teu olhar.

Homem que hoje sou, não posso ainda
Dispensar teu alago e teu conselho.
Velho que eu seja um dia, embora velho,
Se o seu fizer de ti fraca velhinha,
Sempre seréi a mesma velhinha
A que em teu colo davas teu calor,
Por quem sofreste, Mãe, por quem choraste,
E a quem sofreu e alegre aviventaste
Com a tua seiva e a tua própria dor.

Em ti há qualquer coisa de sobrehumano.
Tudo passa que é do homem, tudo causa:
E entanto o teu amor é sem mudança.
Mil anos que vivesses tu, mil anos,
Sofrendo a ingratidão e os desengonos
Dos próprios filhos, foras inutavés
No amor incomparável.
Que é como uma divina inspiração.
Pois como poderias, se o não fora
Amar tanto os teus filhos, Mãe embora,
Se tu possués somente um coração!

MARINHA

Sobre o terral. A noite é calma e faz luar.
Intercalente
Sob a praia manantialmente
A voz do mar.

Os homens dormem: dorme a terra, e no ar sereno
Nenhum ruído
Perturba o encanto recolhido
Do lar pleno.

No azul profundo a lua branca pelo .
Sem nuvens vagas.
E cobre o mar, vaga por vaga,
De um branco véu.

Longe, à mercê da branda aragem, vai passando
Tardia fala:
Nas pardas velas bate a lua
De quando em quando.

Sobre a fala alguém, de amor talvez, lá vai
Cantando, e o vento
Traz, para a terra o sonolento
Som que se eva:

Som que se eva no esparso e no qual o rum...
Como um gemido
Faz o estribilho incenso
De inquieta magua.

Algum marujão vai talvez do coração
As brandas queixas
Dizendo assim nessas endezas
A viração.

Enquanto lá no azul profundo em que flutua,
Indiferente
A terra, ao mar, à humana gente.
Abre-se a lua.

PONTO FINAL

Do sofrimento que sentia,
Disse de mais e disse mal.
A tanta coisa sem valia,
Ponto final.

Aos outros nada importa, ou pouco:
Se eu me sinto feliz ou não:
Porque hei de abr-lhes como um louco
Meu coração.

Meu coração será fechado,
Como um sepulcro a que ninguém,
Vai ver, por mais que seja curado
O que contem.

Mas como em ti, alma poeta,
Achei o consolo de viver.
Irei pedir à fantasia
O que dizer.

Direi do alheio sentimento:
E imaginando o que compor,
Não saberá meu pensamento
A minha dor.

Irei a estranho clima e à ideia
Antiga e em sonho, e como um Deus.
Verel a divina verdade
Com os olhos meus.

Se não for crido nem ouvido
Dá gente alheia a quem falar:
Ao menos eu terei vivido
Sem me lembrar.

Na minha fantasia absorve,
Que existe ainda siem de mim
Mundo em que tudo acaba mor
E que tem fim.

E eu passarei também um dia,
Como a dormir sem o saber,
Sonhando sempre, alma poesia,
Inda a morrer.

A tudo poia que em mim existe,
De sentimento pessoal,
Embora alegre, embora triste,
Ponto final.

SONETO

Oh, quem tornar pudera a ser nascido.
CAMOES

Se o fado que me fez nascer, mudada
A ordem natural de causa e efeito,
Mudar quisesse o meu mortuário leito
Em berço de existência renovada.

E essa ideia me fosse consultada,
A razão clara, o espírito perfeito,
No momento da morte instante estrelado,
No astertor da agonia já travada:

E eu se a lembrança houvesse num momento
De quanto sou na vida trabalhado
O mal que mora só no pensamento,

Eu sem temer diria resolvido:
Se hei de passar a vida que hei passado,
E' melhor não tornar a ser nascido.

POESIA

Existe em mim, bem no íntimo do peito,
Uma vaga tristeza inexprimível
Que às vezes doce mal forte que casar dores
Comuns de todo dia.

Estas no corpo apenas nos magossem.
E se violentas grita e pranto arrancam,
Acham no próprio grito o próprio alívio,
Nas lágrimas alívio.

Consolo traz o tempo que as esquece:
Mas a vaga tristeza que se esconde,
Não me tira uma lágrima dos olhos,
Dos lábios nem um grito.

Do que provem, não sei. Talvez comigo
Nascesse já. Se os brincos não toldava
Da infância, cedo a minha adolescência
Velou de tinta sombra.

E' um misto obscuro de incerteza e ansie,
Temor e fado e inquietação e magua:
E' como um eco muito longe e frágil
De uma dor que eu ignoro.

E' uma voz a falar-me sempre, sempre,
De nada que sou eu, do incerto e frágil
De quanto aspiro e tenho. E' uma saudade
De um bem só pressentido.

Procurou às vezes deslembra-me dela
No tumulto da vida: é um só momento,
E sóbrio minho alma trema inquieta
Ao punhar que a desperta.

Assim não descuidada procurando
Uma flor no rosa, retrai, se a punha
Aguilhão que não vira de um inseto
Na flor adormecida.

ALMA PURA - Tristão de Ataide

(da Academia Brasileira)

Saudades... Sim à saudade sempre, por menos que seja, em rica amizade, quando os ramos sua atmosfera mental.

de novo silenciam sobre o seu tumulo. Hoje é qualquer coisa de mais pungente, de mais, amargo. Hoje é a dor de uma amizade, de Alencar, amizade ardente, e hoje positivamente inconsolável, desamparada perante esse abandono brutal, do amigo incomparável, como um pedaço do Brasil de ontem. Um pedaço de qualquer coisa de leve, e vel discrição, aquele absoluto de imparcial que não fará, desde o exíto que era um dos saltos à vida de todo o dia, que não perturbará o movimento, nem a atenção dos homens inadvertentes. Um pedaço de almas, que fará falta a todos que sentem realidade, imparcial das coisas imponderáveis, e que faltará sobretudo, a todos que dão, que dão, que dão.

Porque ele foi um homem de convergência, como as lareiras do Norte como as fuentes do Sul. E assim o viam, ora laçado lepido, de carinho a caro calor, se aqueciam as almas, toscas de pessimismo frio de inverno que as horas de descrença nos trazem ao coração; ora fio cristalina que apagava as almas ardentes, que dava, que dava, os temperamentos mais cerrados.

E isso que parece tão contrário — água que repousa ou cama que reanimá — ele o era com a mesma bondade milagrosa que lhe criou uma auréola de coração. Chegavam-se a ele por atração realmente irresistível, as criaturas mais diversas de temperamento, de idéias, de condição. E para todos havia em seu espírito uma poeira de lucides, como em seu coração o mesmo inesgotável eterno.

Porque tinha Mario de Alencar esse dom admirável de compreender, de ser permeável, de se deixar penetrar pelas almas alheias que é tão raro de encontrar e que foi um dos segredos da sedução que ele sempre exerceu sobre todos.

Os corações mais fechados precisam sempre alguém a quem se abrir. Em todo o amizade existe um pouco de confessor. E Mario de Alencar tinha a fisionomia de entendimento dos que sabem ouvir e também em ouvir a pequena palavra justa que aplaca as tormentas e renova as incertezas. Por isso, sem ser um desses temperamentos de apóstolo, cujo chama reina em torno de si as pontes incertas, as intellências perplexas, os sentimentos limitados — ele atraía os seixos por essa generalidade do coração que lhe iluminava toda a vida espiritual! E sendo um tímido, um retraido, um recluíso, nunca deixou de ter em torno de si um grupo de amigos, de amigos a toda a prova e de trair para longe qualquer coroa de puro, de profundo, de único, que é como que uma perfume de espiritualidade que emanava dos homens como ele.

Nunca fui, infelizmente nunca fui dessa primeira linda de amigos, que só ele mesmo podia dizer o que havia de riqueza inesgotável em sua alma, e que havia de penetrante e suave em seu espírito. Mas por isso mesmo, posso melhor lembrar, daquela onda de ternura que mesmo ao longe irradiava dessa figura, que toda a vida procurou apagar-se sem conseguir ainda esconder a sua luminosidade aos más, aos inadvertentes, aos insinceros.

Há criaturas que mesmo longe de nós, mesmo na certeza que estejamos de que não nos hão de ter, constituem sempre leitores possíveis, leitores necessários que por assim dizer magnificam de qualquer forma a nossa pena, orientam de certa maneira um raciocínio, uma atitude mental. Mario de Alencar, com toda a sua discreção, com todo o seu voluntário aparente era para muitas, esse leitor presente e invisível, que corrige certos imposados do nosso temperamento e nos envolvia

sempre, por menos que seja, em sua atmosfera mental.

Amizade é cedo para dizer o que ele representa em nossas letrinas, fora desse círculo de amizade ardente, e hoje positivamente inconsolável, desamparada perante esse abandono brutal, do amigo incomparável.

Amizade é cedo. Aquela adoração, qualquer coisa de leve, e vel discrição, aquele absoluto de imparcial que não fará, desde o exíto que era um dos saltos à vida de todo o dia, que não perturbará o movimento, nem a admiração, fizeram com que muita coisa de sua obra se conservasse inédita. E como não lhe faltaram amigos para trazê-las à luz, só então se poderia reser essa obra de interioridade, tão aguda, e sonoridade tão ensurdecida que começou em 1888 com o seu primeiro volume de versos "Lágrimas" e a quatro anos cessou, para o público, ao menos em livro, com essas páginas de tão puro quinto dos "Contos e Impressões".

Mario de Alencar procurou sempre apaziguadamente, a verdade. A verdade interior e exterior. Essa paixão da verdade interior, da sinceridade absoluta, não se traduzia por um transbordamento da individualidade por um subjetivismo livre para quem o mundo fosse apenas a sua representação, ou por esse despudoramento moral que confunde sinceridade com anarquia dos instintos. Compensava essa paixão da verdade íntima com um excessivo senso das proporções. Daí o sabor de seu estilo, a sua pureza de linhas, a sua sobriedade, a falta de vivacidade aparente que é um amorescimento. E que ele deixava longamente de cantar a sua expressão. Não que anasse a arte, os laboriosos burlamentos do estilo. Fazia, porém, dormir a sua prosa para arrancar-lhe justamente o que para outros seria qualidade e que lhe parecia apenas apariência de movimento. E assim essa busca incessante de verdade interior, em vez de traduzir-se em considerações românticas descalabadas, chegava sempre a uma precisão de traços e a uma suavidade de harmonia, que só ressuscitava, resolvidamente podemos, saboriar. Nunca foi precioso e sempre precioso. Nunca trabalhou pelo estilo, mas justamente para apagar o estilo, para juntar ao extremo a forma e a ideia, para chegar à expressão lisa, macia e corrente.

Tudo isso mostra a ausência de tropicalismo que nele encontramos. Porque motivo chamamos de artificiais essas almas mediterrâneas que atravessaram o Atlântico e vieram em nossas letrinas como um sol daquele cristalino que não se intempera? Por que havemos de exigir de todos os nossos escritores o verde perene, o sol ardente, a natureza despenhada? Seria chegar a uma falsidão contrária às nossas necessidades de expressão literária como exigir a imobilização da língua ou a conservação integral das formas poéticas.

Mario de Alencar não teve o brilho, a vivacidade, o colorido, não conheceu a sua prosa, nem a sua poesia, o vento do largo ou o voo dominador. Tudo se passou dentro do coração, dentro do coração, mas sem desvios dele. Sempre nessa atmosfera mental de intelectualismo que toda a literatura respira. Foi esse intelectualismo que lhe compensou, que lhe conferiu sensibilidade à flor da pele que possuía. Todos sabem que não foi inspirado, um arrebatado, um apelido de sacerdote, de idéias e de imagens. Todos sabem que nunca teve nem teria os votos das torrinhas. Nem nunca as cortejou. Mas só quem desonhava os seus escritos, só sem falar no homem, poderia ignorar que admirável, que fluminense sensibilidade havia em todos eles, sempre, por si só, uma sensibilidade disputada

E Mario de Alencar foi um mestre de respeito à palavra, sem o qual a literatura degenera nessa feira miserável de vaidades e degradações a poucos mil réis que inundam as literaturas. Em sua memória devemos sempre buscar esse admirável exemplo que nos deu, de amor pela palavra, que nos deu

Correspondência de escritores

CARTA DE MARIO DE ALÉN-CAR A AFONSO CELSO

por sua inteligência, com esse admirável pudor de expandir-se que é o sinal de certas almas profundas e verdadeiramente interiores.

Mas não se limitou a esses mergulhos em procura da verdade interior. Não a verdade do realismo, banal, das formas aparentes. Mas verdade do processo exterior da vida, por assim dizer, dos indivíduos, entre nós e a ele, das almas, em ação. Sempre aliás, uma ação decorada, estreita, repetida, constantemente nos mecanismos inteiros, como nem-nos-nessa-deliciosa narrativa "O que tinha de ser". Onde a vida se alonga numa conscientização do arremedado; do mediocre quotidiano onde banda quase sempre a nossa sede de impresto.

Não a teve Mario de Alencar. Ou antes, não procurou provocar o impresto, encontrá-lo no extravagante, no original, no fora do comum, onde sabemos bem que o vemos encontrar. O que o impressionava mais era justamente o impresto modesto das coisas apagadas, das existências ignoradas, das almas a meia luz. Quem não se lembra dessa admirável figura de Tia Lulu onde o trágico do sofrimento se dilue no cotidiano, onde toda a sensibilidade de Mario de Alencar parecia encarnar-se, uma figura apagada da morte "tão boa, tão boa" e que desaparece como um último acorde abafado e diluído.

Em surdina, sempre em surdina, escrevia e portava pensava Mario de Alencar. Em surdina, na penumbra para poucos leitores, para aqueles que quisessem e soubessem respirar, convegar o perfume interior, o balsamo de verdade e sensibilidade que havia em tudo o que escrevia.

Contava-me um íntimo seu, o abalo, irremediável, que esse alma angélica sozinha, depois da morte do seu grande amigo Domicio da Gama, ao compor demoradamente, com todo o amor com que sempre venerou a possibilidade dos episódios em verso, um em português, outro, parece em inglês (tiques em latim, pois era um fino humanista) em memória do morto que lhe era querido.

Porque realmente o que houve talvez de mais belo, nesse alma deliciosa, que a morreu — mas real que a própria vida — deixara ele um dia, tão revoltantemente nos levou, — o que houve, talvez de mais belo, de mais sedutor nele, foi, a pureza com que soube preservar a sua humanidade. A literatura é uma dominadora terrível. Se ela nos dá por vezes, a expressão, que sentímos em nós, de vago de impresto, de obscuro e talvez a custa do que havia de verdadeiro e de espontâneo na alma de seu autor. A custa de procurar a verdade das outras almas, a custa de se submeter aos espíritos estranhos, o romancista pôde por vezes o seu próprio eu. A custa, por seu lado, de explorar essa eu, de elevá-la ao céu, de anátila em seus meandros mais obscuros, o poeta artificiosa esse eu tão decantado.

E assim a impresto vai sacrificando a verdade própria das que buscam a verdade alheia. E é sempre uma vitória dolorosa e difícil, impedir que essa degradação, que esse artificiialismo se consuma. Mario de Alencar, foi um desses que conservou intacta a sua verdade íntima. Nele o homem de letras nunca sacrificou o homem. Não chegou a criar, essa segunda natureza em que o hábito de viver na fantasia teve tantas vezes os artistas.

Não. Nunca. Conservou-se sempre homem bom, carinhoso, simples: Amando acima de tudo a bondade de coração, a sinceridade dos sentimentos espontâneos que nenhum grau de generalidade supera.

E esse foi para mim, o segredo da sua vida de artista, e o exemplo mais admirável que nos deixa, como consolo e exemplo.

"O Jornal", de 13-12-25.

(Continua na página 27)

Saudade de Mario de Alencar

(DO MEU DIARIO, CONFIAO A DIAS DE BARROS)

Rio, 7. 914.

Se eu me for daqui do Rio para o meu sepulcro, em Seripé, terá, entre outras, uma grande saudade, filha do que há de mais delicado em meu espírito. Será a de Mario de Alencar.

O mistério envolve tudo, as correntes místicas que nos governam São cotidianas, tanta quanto os desejos mais primitivos; as coincidências não serão outra coisa talvez.

Esta por exemplo:

Tive, desde que li O que tinha de ser, a pequenina joia que é aquela novela, a certeza de me fazer um amigo do seu autor, mal o visse.

O espírito que ensombra doiradamente aquelas páginas inacabáveis do Destino, ali no título, de olhos tristes e serenos, tudo isto me dizia.

Conheci depois mais páginas de quem é escritor pelo mais bem fadada das heranças. No gênero biográfico — já o afirmei alegre, em artigo que nomi aí aonde para — está acima de tudo que se faz no Brasil, pelo menos assim é que, de sua obra, neste sentido, tenho lido.

A sua vida interior é muito intensa, quase trágica por intensidade, Quero dizer — e a aplico o princípio de Broca — a plenitude morfológica do seu espírito mal resiste ao exame interior constante, obstinado, que lhe toca as linhas, levanta aqui e ali as coisas assentadas, e faz tempestades, quando só desejava ver aquelas coisas mesmas sob uma luz mais viva. Por isso é navegante afeto às

Mario de Alencar, novelista - "O que tinha de ser"

XII

— Sa Joana! O sa Joana! Vosquer assim não pode viver. Olhe o leite para voar-me! Beba, sa Joana! Foi sa Luiz que me deu. Vosnega quer morrer, eu?

E a putinheira, depois que Joana voltava os olhos para ela e parecia estar a ouvi-la, despediu-as, indo a igreja de Igreja, e agradou-se para a porta do quarto, batançando a gaveta e ralando consigo mesma:

— Gente! Nunca vi sofrer como sa Joana, a morte de ninguém. Nem que fosse mãe da menina!

Tinham já passado três dias depois do enterro de Clotilde. Joana vivia como um automata, sem voz, a princípio sem comer, e só por muita insistência de Luiz aceitava a leite que este lhe havia trazido na véspera é dera ordem a cozinheira para levar quatro vezes por dia ao quarto de Clotilde, de onde a velha ama não se resolvia a sair. Devido ao leite, ela pouzava a tigela no rosto e recaia no estudo de absorção que indicava uma sonolência de todo o organismo.

Não dormia, entretanto. O espírito dela, alheio de todo o ambiente, fazia o giro constante em torno da sua dor, ruminando pacientemente a saudade da sua nhanhã. As lágrimas e os gemidos haviam cessado; agora era a amargura refletida e aninhada, e por isso mais tranquila, ainda que mais intensa.

No dia em que deixou essa atitude, o seu primeiro ato foi ir ao gabinete de Luiz. Achou-o imerso na sua pena, semelhante à que lhe observara da outra vez, quando enloucurava, mas não silenciosa, nem resignada, porque ela não reprimia as queixas contra si mesma e manifestava ter o desespero de um remorso tardio. Ao seu lado, Cariota dizia-lhe palavras de consolo, que ela não queria ouvir. Joana parou junto à porta, a olhar para os dois, Luiz viu-a, veio a ela e atraiu-se-lhe nos braços soluçando. Enquanto o apertava ao peito, Joana reparou em que a senhora fazia um gesto de enfado, como que contrariada por aquela nova expansão de dor, que ela estivera procurando desvanecer.

A vida da casa voltou à normalidade. Luiz reconheceu o trabalho diário; e aos poucos, salvo o luto das vestes, a impresão era que haviam desaparecido ali os vestígios da visita da morte. Mas para Joana, sem nenhum encargo que a distraísse da sua tristeza, tudo era um deserto negro. Vivia dentro de si mesma, quase sem comunicação com os outros; algumas palavras para Luiz, breves respostas às perguntas dos criados, e a sua boca não se abria mais. Encerrava-se no quarto a maior parte das horas, ou saia à rua, buscando encher os olhos com o movimento da vida que se tirasse de si mesma, ou para mergulhar mais na saudade, quando ia rezar à igreja.

As vezes, ao sair da igreja, ia a quinta de um africano que ela conhecia. Demorava-se no interior da loja em confabulação com o quatinheiro e a mulher deste, também africana do Congo, como ela; e eram as ocasiões em que lhe voltava alguma animação. Mas essas mesmas saídas à rua acabaram, e Joana retornou o ar de concentração dolorosa, posto que ao mesmo tempo passou a ser ativa no serviço da casa, ajudando espontaneamente as outras criadas, que aceitavam a sua colaboração e com frequência lhe deixavam satisfeitas toda a tarefa.

Uma tarde, Joana recostada à janela da cozinha, viu João e Emilia que brincavam no jardim. Ela aguçou sobre os meninos um olhar onde se refletia uma idéia repentina, mas

logo abrandou-o e disse com a voz melancólica e sumida:

— Esses não, não tem calpa, não fazem mal por querer.

A sua magia assumiu uma telha de compaixão, de bondade irradiante e de simpatia por todo o mal dos outros.

Quando, tempo depois, Carlota adoeceu e ficou mal, não foi Joana a menos preinstada das criadas, não obstante a velhice que era estorvo natural aos serviços de que ela se incumbiu sem mando de ninguém.

A enfermidade de Carlota apresentou-se de um dia para o outro sintomas muito graves; durante uma semana esteve a sua vida em risco iminente. Ningum repousava diretamente em casa; e a velha Joana surpreendeu Luiz e todos pela infatigável atenção e presteza com que fazia ainda o seu ofício de enfermeira. Só ela não se deitava para dormir, e estava sempre alerta para ajudar os que se iam revezando na vigília.

Quando, na madrugada de décimo dia, a senhora expirou, Joana era a única pessoa ainda deserta. Estava sentada junto à porta, fora do quarto, onde era o seu posto. Como ouvisse gemidos roucos de estoror e logo depois silêncio, espionou para dentro, com uma curiosidade inquietante, e sem ânimo de ver mais, fez levar a suspeita a Luiz. Esse cochilava na sala sobre uma cadeira, na qual poucos momentos antes deixara pendente o corpo enfraquecido.

Foi violento o efeito da noticia sobre Luiz, a ponto que Joana recuou espantada, quase espavorida, para o deixar passar no impeto com que ele correu até à cama da morte. Viu-o debruçar-se sobre o corpo da mulher; apalpá-lo, beijar-lhe o rosto, e gritar com angústia que fossem chamar o médico. Joana levou as mãos à cabeça, apertando-a num gesto de desespero, e enquanto a casa se alorocava, e despertavam os meninos em pranto, e os criados os passavam a correr, ela foi se afastando com um ar de sonhambula e recolheu-se no seu quarto. Ali o longo esforço da vigília de tantos dias cedeu à fadiga da natureza alquebrada. Afundou no sono como um corpo inerte; ao acordar, já não soube que tinha salido o enterro de manhã; dormira trinta e oito horas.

A casa estava num soeço de modorra. Somente na cozinha os criados cochilavam. Indagou sobre Luiz; disseram-lhe que dormia. Foi até ao quarto dele, escutou à porta muito tempo, e em seguida guiou para o aposento dos meninos. Entrou de manso, espiando; acercou-se do leito de cada um deles e esteve a contemplá-los e sono inquieto. Cusíava-lhe afastar-se, mas ao mesmo tempo relutava contra a curiosidade de que a atraia. Demorou-se mais junto à cama de Emilia, cuja respiração soava às vezes como um gemido; chegou a pensar que a menina chorava de sono. Estava encolhida a um canto da cama, e parecia ter adocicado sob uma impressão de medo e de abandono. Afinal Joana deixou o quarto, e repetiu o mesmo gesto de desespero que tivera ante a angústia de Luiz. Sentiu a garganta fechada e limpava com a mão as lágrimas que lhe turvavam os olhos.

XIII

Em poucos dias Joana havia envelhecido de alguns anos. Encovaram-se-lhe os olhos; as rugas da pele estavam mais finas, e a expressão do rosto emagrecido era de idéia amedrontada. Alimentava-se mal, dormia muito pouco; e a osso perdia dos outros criados, que punha no leite que lhe levava, e depois nos remédios, quando já doente.

E interrogado por Luiz narrou como havia envenenado Carlota, com o po de umas herbas que punha no leite que lhe levava, e depois nos remédios, quando já doente.

O horror da visão inacreditável transmudou-se num impeto de ódio.

de Luis, ni parava à porta, espiava-o cautelosamente e como o achava na mesma sombra concentração, abatava com a cabeça e retrocedia para o interior da casa.

Uma dessas vezes, noite alta, ela o achou ainda acordado. Estava a mega de trabalho, com a cabeça apoiada nas mãos. Cuidou que lhe entrou pele ante pele e viu que não havia lívio sobre a mesa. Era a vigília do sofrimento de que ela se incumbiu sem mando de ninguém.

Joana inclinou-se e beijou-lhe a cabeça.

— Nhô Luiz!

Luiz voltou o rosto.

— Ah! é você, Joana! disse ele, e recuou na postura de abraçar.

Joana ficou parada junto à mesa e agitava a cabeça numa inquietação de angústia. Repetiu:

— Nhô Luiz!

— Que é, Joana?

— Perdoa a Joana, nhô Luiz! Joana pensou que la fazer beber a nhô Luiz... Não foi para fazer mal a ninguém. Joana foi sempre boa para todos. Mas viu nhô Luiz pensando tanto com a morte de nhânhã... e pensou que nhô Luiz por esse gelo não podia durar muito tempo... A culpada daquela morte de nhânhã tinha sido ela... Joana bem que tinha visto... Agora era a vez de nhô Luiz... E teve um sonho, em que apareceu nhâ Clotilde com a sua nhânhã no colo... e pareceu que pedia uma coisa, e os seus olhos estavam chorando de dô... que é que podia ser... aqui na terra ela não tinha outra pessoa por quem chorar... senão nhô Luiz... Era por ele que nhâ Clotilde pedia... Joana pensou muito... custou acreditar que pudesse fazer a vontade de nhâ Clotilde... Mas continuou a ver nhô Luiz sofrendo, sofrendo... E Joana fez... não foi por querer mal... Depois de feito tudo... aconteceu o contrário do que Joana esperava. Nhô Luiz sofreu mais ainda... E Joana está arrependida. Perdoa, nhô Luiz. Joana vai se entregar à polícia...

Ouvindo-a a idéia, sem apreender atenção, Luiz forçou aos poucos a interessando pelas palavras da velha-africana, mas quis não apreender sentido co-ordenado.

Ocorreu-lhe a idéia de que ela tivesse enlouquecido por efeito do desgosto recente. Havia no que lhe dizendo reflexos de uma preocupação de dor moral muito forte... E voltado de rosto para Joana acompanhava-lhe as modalidades da expressão fisionómica e as palavras desencontradas, meras vestígios de um raciocínio apagado, como lhe aninava aquele olhar inquieto, nem direção. E sentiu muita pena e disse, falando a si mesmo:

— Coitada de Joana! Era o que me faltava ainda sofrer. Esta louca!

— Não, nhô Luiz! Joana não está louca; sabe o que está dizendo. Perdoa a morte de nhâ Clotilde... Foi Joana...

Luiz ergueu-se de um salto e com o corpo de encontro à quina da mesa, como que recuado da visão horrível personificada naquele corpo de negra octogenária, murmurou quase sem voz:

— Você! Você! Foi você quem matou Carlota? É verdade? É verdade?

Joana ajoelhou-se e disse:

— Perdoa... É verdade... Com veneno...

E interrogado por Luiz narrou como havia envenenado Carlota, com o po de umas herbas que punha no leite que lhe levava, e depois nos remédios, quando já doente.

O horror da visão inacreditável transmudou-se num impeto de ódio.

Luiz avançou sobre ela, e espalhou-a, pisou-a, rindo entre dentes:

— Malvada assassina! Eu te mato.

Joana recobriu as arremedadas de esquivar o corpo; ao contrário, oferecia-o as pancadas com o gozo de se sentir mal ferida e acabar ali a existência inútil e penada.

— Mata, nhô Luiz! Joana merece! Mata!

Mas a cólera dele desconcertava-lhe os movimentos, opri- mindo a respiração e desorientava os golpes, que o feriam também. Ao cabo de alguns minutos estava exausto; e caiu em si, e surpreendeu-a sua loucura.

— Não! disse ele. Vou levá-la à polícia.

E arrimou-se a uma cadeira, ofegante, alquebrado do profundo abalo moral. Esteve um momento a olhar aquele corpo piado e prostrado; a contensão violenta dos nervos afrouxou, e toda a sua angústia rebentou em pranto.

Joana soergueu o tronco, e olhava compadecida o sofrimento de Luiz. Arrastou-se até a cadeira dele, abraçou-lhe os pés e disse:

— Acaba de matar Joana, mas perdoa, nhô Luiz! Perdoa para ela morrer aliviada. Joana merece a morte. Mas perdoa! Joana sofreu muito no mundo, depois da mãe dela, que ela não viu mais, quando a foram roubar à no Congo. Joana quis bem a três pessoas nhâ Clotilde, nhô Luiz e nhânhã. Nhâ Clotilde morreu, e era só nhô Luiz e nhânhã. E foi nhô Luiz e casou-se, e Joana sentiu muita pena, quando viu gente nova no lugar da sua filha de leite, mas como era por vontade de nhâ Clotilde... Mas continuou a ver nhô Luiz sofrendo, sofrendo... E Joana fez... não foi por querer mal... Depois de feito tudo... aconteceu o contrário do que Joana esperava. Joana está arrependida. Perdoa, nhô Luiz. Joana vai se entregar à polícia...

Ouvindo-a a idéia de que ela tivesse enlouquecido por efeito do desgosto recente, Luiz e nhânhã que lhe pediam por ele, Joana caiou, mas estava certa que a senhora ia fazer mal a nhô Luiz; era a foiceira que ia matar nhô Luiz. E Joana com o veneno que tinha arranjado para morrer, matou a senhora! Nhâ Clotilde e nhânhã lá do céu viram tudo e elas sabem... Joana só queria fazer

bem... e fez mal. Perdoa, nhô Luiz! Perdoa! E acaba de matar Joana mais perdoa!

A voz lhe ia faltando, de cansada, e mal ferida, calou-se e espacou.

Luiz tinha ainda o rosto tapado pelas mãos sobre o espaldar da cadeira. O pranto convulsivo cessara, deixando-lhe o coração aliviado; fora como uma descharge de tormenta que desfaz em brumas bategas de água no estio.

Foi-lhe serenando o espírito e as palavras de Joana, murmuradas com lentidão, penetravam-lhe o entendimento, como radiações de luz suave. Sentia a significação delas, uma por uma; eram o desdobramento daquela alma ruiva, mas lisa e pura, sem esconderijos, ignorante do artifício, formada para a escravidão do amor.

Não havia que replicar ao que ela dizia; era tudo verdade. E atendendo as suas palavras, Luiz lhe acaba de tempo oyundo a voz interior da memória, que lhe narrava todo o passado de Joana, feito de doçuração absoluta às três criaturas que ela amava na sua vida, isenta de egoísmo, abnegada até à cegueira do raciocínio. Efectivamente o mal que ela havia feito fora só para lhe fazer bem a ele. Era por amá-lo acima de todas que ela se tinha feito má; pela mesma razão ela era capaz de matar-se.

E ali estava agora a sua pés, espancada brutalmente, mas ainda humilde no sofrimento, e da sua boca não saía uma queixa; sob a ameaça de morrer, não lhe acordava o instinto de defesa; a sua única idéia era ainda ele, a sua simplicidade era o perdão de o haver feito sofrer.

Voltou os olhos para ela e viu como a tinha maltratado. Abaixou-se, ajoelhou-se junto ao seu corpo, tomou-lhe a cabeça e disse:

— Joana! Eu que lhe peço perdão que lhe fiz a você. Foi um desvario! Minha pobre Joana! Eu não pensei, ou não vi o que estava fazendo!... A primeira impressão foi horrível, e perdi a cabeca! Mas olhat inde passou! Joana!

Ela abriu os olhos para ele; os seus lábios disseram:

— Nhô Luiz!

— Diga que me perdoa, Joana! Agora não se faz mais malo; ouviu? nunca, nunca mais. Você não foi culpada, não; você foi o instrumento do meu destino. Ninguém foi culpado; nem Cariota também, ouviu? ela não foi culpada da morte de Clotilde... Não! Eu tinha de ser infeliz... Tudo o que aconteceu é o que tinha de ser.

Vai-se vendo agora a falta que faz um turrão na Academia, tanto mais agastado nos debates quanto mais zeloso pelo bom nome do instituto. Na última vez que lhe calvive, parecia que o silêncio cínereo dos lutos calava sobre aquele ambiente luminoso do Petit-Trianon como um peso vêu de crepe, escrevi-me mesmas parecia, porque, de fato, tive a impressão material de que a luz não entrava a janelas, fraca, vacilante, senão torva, fraca, vagarosa. Pelo menos assim a sentiram meus olhos e meu coração dorido.

Partiu-se primeiro, Alberto de Faria, o agitador dos casos difíceis e personalíssimos; e logo depois, Mário de Alencar, o ardoroso e pugnáz proponente de medidas gerais para segurança das decisões, e porque era um tímido, tão ouvidas e se veras, as malas das vezes, no fundo como rudes e agressivas eram as palavras daquele ou-

Um turrão na Academia - Goulart de Andrade

tro grande espírito combativo na enunciação dos seus pensamentos. E' que ninguém mais desconhece hoje quão descomposto se mostra, por fatalidade intrínseca, a atuação dos tímidos, sempre fora de medida e termo; ora demasiadamente encolhidos, ora desenvolta em excesso, porque, em verdade, tais indivíduos não podem menejar o freio do próprio temperamento e acabam por se isolarem, magoados com as reações que provocam, com julgá-las sempre violentas e desconformes, precisamente porque não sabem avaliar com justezas o vigor dos golpes que elas mesmas desferiram.

A ambos esses companheiros procurei servir de no fim desta jornada terrena, né mesmo por uma espécie de triste vaticínio, prestando-me a ilustrar, com recaídas, as conferências de um, e a divulgar os versos de outro nas sessões públicas. E

OS SINOS - EDGAR POE

I

Ouve os trenós com seus sinos
Pequeninos,
Argentinos!
Oh! que mundo de alegria que o som deles preludia!
Como tintinam, tintinam,
No ar da noite, frio e fino!
Quando os astros que fosciam
Pelo céus, como que piscam
Com deleite cristalino;
E o tempo, o tempo afinam,
Numa espécie de Rúnic rima,
Pelo tintinabulação tão musical que anima
Esses sinos pequeninos,
Dlin, dlin, dlin,
Sinos, sinos argentinos,
Pelo tlinque-tlinque, clinque, clinque, clinque, guizolhados

II

Ouve os nupciais, melodiosos sinos,
Aureos sinos!
Oh! a sua harmonia que mundo dito anuncio?
No ar da noite embalsamado
Como eles cantam seu contentamento!
Das fundidas notas de ouro acento,
Concertado,
Canção líquido flutua
Até a rota que escuta e glugua
A lua.
Oh! das celas ressonantes
Que jorros de eufonia emanam, abundantes!
Como ela se amplia,
Como ela confia
No porvir! como fala
De um arroubo que, alheio aos destinos,
Bolonça, badalo,
Agitando, oscilando,
Os sinos, os sinos, os sinos,
Blengo-blengo, blengo, bleem.
No canto contente e fremente dos sinos,
No bimbalhar e repicar dos sinos!

III

Ouve o alto alarme dos sinos,
Bronzeos sinos!
Que bizarra história de terror que narra a sua turbulência?
No ar da noite estorrecido,
Como eles beram, como clamam seu terror!
E' demais o horror,
Para que eles falem
Só nos guinchos, nos gritos que estalem.
Em tom solto, indefinido,
Podem eles clamar seu apelo à clemência
Do fogo, do fogo,
Seu insano rogo.
Ao raioso e surdo fogo que alça a laboreda em salto
Cada vez mais alto, cada vez mais alto,
Com desejo louco e bruto
Do esforço resoluto
De ogro ou nunca ver-se posto
Junto à lue de pálido rosto.
Oh! os sinos, sinos, sinos,
Que expressão de pavor a que aventurem
E de desesperação!
Como clamam, clangoram, lamentam
Quanto horror transversando eles vár
Sobre o colo da noite ofegante!
E indo o ouvido sabe bem

era de se ver como nesses dias ele se deixava ficar, lá, na última cadeira da última ilha, no fundo da sala, perdido entre os envintes, por trás de todos, talvez assustado com o som da voz estranha que lhe modulava os ritmos ferindo nas tónicas que ele ordenava em combinações musicais, receloso e ameinhante como alguém que de improviso visse devassado o seu feroz e recatado pudor por uma turba alvareira e bullockosa.

Lembra-me como depois do êxito estrondoso que alcançou a obra prima da sua tradução dos "Sinos", de Edgar Poe, ele me veio abraçar. Não, não era abraço vulgar de agradecimento por uma fineza comezinha, senti-o bem; era assim como um preito de devoção somente porque animei aquelas sibilas, fazendo-as ressoar como badaladas diante de um auditório embevecido ao escutar todas as vibrações, todos os repliques, todos os rebates, todos os doares, obtidos maravilhosamente pelo seu engenho de artista conciente, de modo a tornar essa vez

são muito mais opulenta de felizes onomatopeias do que o próprio original, tão propontamente cheios desses defeitos de sonoridade.

Não tenhamos dúvida, porém, a cerca do julgamento postamo de tão fino espírito: O criador da "Tia Lulú", esse pobre bicho humano, que amancebeceu, "trazendo em si mesmo o gosto do sofrimento por ter falhado ao exercício do que havia de malo e puro, e era o bem de amar e ser amada, de ser mulher e mãe" — não ficará, absolutamente, esquecido. O qualitado de sua produção há de exigir novo contraste, que será feito, pouco a pouco, com escrúpulo e justiça.

Em certa ocasião escrevi dele: "Sem dúvida Mário de Alencar é o homem com desencanto: mas parece-me que o seu sentimento é relativamente aos outros, como ele, suspeitos de desinteresse e de altruísmo, é assim como um trave de vingança contra os que não acreditam na bondade..."

Paradoxo? Seja. O certo é que

o seu amor desviado para os pássaros e as borboletas, o próprio original, tão propontamente cheios desses defeitos de sonoridade.

É amor e grande amor o sentimento com que tratou das crianças, que ainda tão inocentes já sabem maltratar o coração que a elas se dá todo e que por elas todo se enforca.

Psicólogo dos mais sutis, Mário de Alencar não acreditou, ou fingiu não crer na ciência do conhecimento das almas, porque — ele o disse — "não há caracteres fixos nem distintos e o que chamamos observação é coisa ilusória, pois ninguém discerniu este objeto complicado, que é a vida íntima dos homens. Os que fazem psicologia não partem da análise é mentiroso ou impossível".

E para justificar tais conceitos escreveu aquele conto, em que a morte revela a hipocrisia e a hediondez, como remate de certa existência ostentada culdiosamente limpa.

Não, querido Mário, não de-

vias ter isso como regra, porque ainda que haja eritruras recolhidas num recato inacessível, como tu, olhares de psicólogos deuvelo aquele conto, em que a morte revela verdadeiros sentimentos por detrás das aparentes hostis de capa-rou orgulho.

No conto que escreveste, "Coração velho", chego a lobrigar muito e muita da tua alma.

Doce amigo, de suave gesto e palavra mansa, outros que não eu, duvidaram do resultado de tantos golpes vibrados na tua melindrosa sensibilidade!

A minha voz de animação e o calor das minhas expansões não passavam, sabe-o agora, de rebuçado propósito de consolo e encorajamento, porque eu bem te adivinhava próximo do fim. Era para os demais, como o vaso de cristal que não deixa ver através dos suicos e matizes do seu labor e fratura que o abarca todo. E não sei porque consegui descobrir esta oculta ferida.

E' que sofriam no silêncio e na tristeza o drama cruel da út-

SAUDADE DE MARIO DE ALENCAR

(Continuação da página 20)

surpresa e ao brusco levantamento das ondas, sabe dos erupções em alto mar, conhece os luares de uma dúvida inútil da esperança, os nevoeiros na calma, e a tenebrosa noite das tormentas fáticas, cortada de horrores, fustigada de assombros, donde algumas vezes o medo se faz coragem, ou paralisia subito as energias, se toque fúnebre dos sinos, ou grito rouco das sereias... Que estará adiante? Que iremos encontrar? O marinheiro mal vê os dias bons... vive a soletre o mistério na face dos céus... a beleza de hoje pode trazer no seu a desgraça de amanhã...

E como é assim em todos os mares — todos eles são banhados de sol e tem noite sem estrelas, encantos e pesadelos, ameaças e correntes irresistíveis, quem adestrado neste iria mal experiente naquele.

Assim Mário de Alencar sabe ver. Descobre o espírito do homem, a sua essência mais íntima, livra-a das circunstâncias, dos imperativos climáticos, pedagógicos (como dina Lafargue), e mostra o ser mistério do homem que estudou.

Tudo isto viu cristalizado hoje, depois que o deixei, após um longo passeio, da Câmera ao Flamengo, costeando o cenário grandioso da Guanabara. Quando dois homens falam, expressa-se a dor eterna contida neles. Falamos do que sofremos, dissemos quase sempre e evitamos julgar. Não valeria a pena. Vale mais o alívio...

UM ARTISTA SENSÍVEL E PURO

(Continuação da página 20)

de Assis, um encanto particular e a frescura intuitiva. São páginas de encantamento, sensibilizada até o extremo musical. A inspiração é imanente e facti, como uma corrente de água. A densidade do seu estilo é toda espiritual e a interioridade o seu elemento de expressão. A sua composição tembra-me uma página musical de Schumann: poética, afeitiva e profunda.

A obra publicada de Mário de Alencar é pequena, mas tem uma novidade de conciência estética que a recomenda aos iniciados das letras.

Na dela uma expressão rara de gosto literário, de finura de intenções, de cultura de alma, de amor sensível e de poesia pontilhada.

E' feito de equilíbrio e serenidade. A linha grega que vira de Machado de Assis leva em Mário de Alencar uma expressão nova. Tinha arte própria. Foi um artista sensível e puro.

Rio, Dezembro, 1935.

MÁRIO DE ALENCAR

vida sobre a tua própria individualidade. Descansa, porém, que ela foi nobre, e de exceção. Outras, há muito mais infelizes, que escondem a sua medo, sua tragédia na balbúrdia da vida tumultuosa, e esses são infinitamente mais lamentáveis, porque não dirigem as suas ações, nem podem mais retrair-se para chorarem sussinhas, na escuridão, arrastados como folhas pelas rajadas, pobres criaturas de dupla personalidade, que fazem existência de animadores saudáveis de energias e vontades, quando são, de fato, os mais frágis, desalentados e infelizes de todos os seres, espiados, zurrados, intamados e deserdados, pela sua focalização permanente, e tanta vez com paixão e indeclinável.

Esses, batitados por todos os golpes, fazem o papel da pátria, que se é verdade flutua nas cristas das ondas encapéladas, não irá senão no sabor das correntes e das ventanias, sem resistência possível e sem poder "fundir", chiamando-se na beatitude do esquecimento.

Um inédito de Mario de Alencar

Mamãe

(PÁGINA DA MINHA VIDA)

A infância feliz é naturalmente desejada, e não deixa à memória mais que a impressão difusa de um ambiente luminoso. Antes dos meus seis anos de idade, quase não me lembro de que fiz, nem do que vi, nem do que fui; lembro-me de que vivi contente e de que o mundo era uma imponente maravilha de sol. E como tudo estava envolto em luz, e não subiava sombras, não havia ocasião para os meus olhos de meus olhos fixarem o contorno e o relevo das imensas. Se eu tivesse morrido naquele tempo, não teria levado em mim a imagem definida de mamãe; o que até então suponho que a memória dos meus olhos era preta para alcançar totalmente a individualização da meiguice e calor havia em que eu vivia perdendo maior do que a meu berço a imagem viva deleira da sobre ele. Meu espírito passava acalentado, na constante sensação de curiosidade e proteção que vinha dela: — e meus sentidos, atraindo-a para a sua presença, não precisavam analisar-lhe as feições para distinguirla e guardá-la em mim. Eu era inconsciente como as crianças felizes, e Mamãe era também feliz. Fora sua dor que me despertou a consciência da sua figura. Tinha eu quase seis anos, em dezembro de 1877. A hora do almoço, mal acalava de nos fazer sentar à mesa, a mim, a Babi e a Adélia, volveu Coletá, nessa ana seca, com um ar estranho, a dizer-nos que fôssemos beijar papai. Subimos para o quarto dele. Não reparámos nela, nem nos outros sinvis de morte. Entrei com timidez, notando as atitudes e a presença de outra gente; espantei-me de achar papai com os olhos tecidos e inóvel; e suponho que ao beijá-lo só chorou porque havia quem chorasse. Não compreendia nada, ou compreendia mal. Não sei se ouvi dizer que ele estava morto; se o disseram, não o entendi, porque não sabia o que era morrer. Comecei a presenti-lo quando lhe guido para onde ouvia a voz de mamãe.

Estava atraída sobre um colchão; a sua voz eram gemidos e gritos, e todo o seu corpo suscitava-nos náusea agitação convulsa, arrojando-se e erguendo-se. Senti que ela sofria muito, e compreendi que havia acontecido alguma coisa a papai; e entrei a chorar abraçado com mamãe.

Não me recordo de mais nada do que houve nesses primeiros dias de luto. Mais tarde é que li a notícia sobre a missa do sétimo dia. Mamãe fôr a igreja levá-nos a todos, seus seis filhos orfãos. Augusto tinha doze anos, Lili onze, Clarice nove, Babi sete e Adélia quatro. No momento de entoar-se a libra-me, mamãe teve um ataque, e foi carregada sem sentidos. Pelo que vi em tantos anos em que admirei a sua força de concentração no sofrimento, de corpo ou de espírito, posso imaginar como foi intensa aquela dor, que se abriu à face de estranhos.

"Senhores:

A morte de Mário de Alencar foi-me grande surpresa para o coração! Amava-o com intimidade e respeito e escolhí-lo para o número restrito dos meus grandes amigos e ele o era pelas frequentes provas de afeto que me distribuía em todos os aços e transes da vida. Sabia ser amigo, porque cultivava jardim florido e sóbrio dos intímios com a mesma docura e igualdade e defendia-os com paixão e fervor como se se tratasse de causa própria. Para os irmãos de alma, companheiros de cruzadas literárias e discípulos, irradiava simpatia e sinceridade que lhe fazia ganhar confiança em altos e palavras. O principal segredo estava-lhe na beleza moral, que todos conheciam.

As lágrimas vinham-se aos olhos e amedrontavam-me o coração, quando nele pensava e ainda hoje a sua memória vive dentro de mim como qualquer coisa de sutil e exemplar, pois o queria muito, com todas as forças do amigo que cultivava a gratidão e do homem que venera outro homem.

A intimidade, às vezes, diminuia o feitismo que cerca a autêntica das grandes vultos; o convívio que me ligava a Mário aumentava-me o respeito e a admiração pelo seu caráter e sua inteligência, em cristalização estendaliana; vivia e vivo dentro de mim tão cheio de personalidade que podíamos perceber gravadas dentro do meu peito a efígie serena e a figura moral dele.

Pobre Mário! Puro como poucos, fino, iluminado, eruditíssimo, honesto e leal. Bom, realmente bom na absoluta valorização do termo, sem a fórmula panegírica, sem o exagero apologetico que se votam aos findos...

Pobre Mário! Morreu sem ter encontrado na vida, afinal da docura do lar e o consolo das amizades, as compensações que lhe mereciam o talento, a erudição, a formosura ateniense de sima e a fidelidade das atitudes e ações.

Vivit sub pectore valens! Sim! A ferida aberta em todos, nos seus de sangue, nos amigos, árcades, nos que lhe recebem, nas demonstrações do cristal do caráter, as cintilações brandas do talento e a cordura dos afetos!

E, aqui senhores, vaso a verdade que me afiora aos lábios com singeleza, porque a sinto espontânea e impulsiva, a guiar-me a paixão e a seguir-me à idéia.

Nos primeiros instantes me não encorajou a exprimir a saudade que me estontou, pelo desaparecimento eterno do irmão. Juguei-me sempre membro de sua família, tal o encanto, a alegria com que lhe entrava na casa, beijava a mão da esposa, brincava com os filhos como se fossem sobrinhos, parentes próximos, cordiais afinidades impregnadas da mesma matéria familiar.

Senhores!

Mário mostrava-se sempre o cultor carinhos da verdade, meticuloso e elegante. Tudo lhe saia bem da pena ou da ação. Minucioso nos atos, era-o também na cultura da beleza. A capacidade estética que lhe dominava o espírito fê-lo senhor de um tesouro inestimável. Manuseador de clássicos gregos e latinos, lida os proprios textos originais e detestava a arte como "virtuoso" cheio de espontaneidade, mansamente, suavemente, mas sempre com segurança e perfeição. Shakespeare era-lhe familiar, porque, conhecedor profundo do Inglês, bebia na fonte original as delicadezas psicológicas do gênio que jogou com o maior número de vocabulários e que analisou o maior número de almas.

A solidez dos seus conhecimentos humanísticos tornava-o simplicissimo na arte de escrever, paradoxo aparente, pois, em geral os escritores procuram vazar em seus trabalhos a erudição que lhes faz cegar no crâno.

Ensinava-se sempre na lição dos clássicos, seu companheiros preferidos e mestres silenciosos que não abandonava, nos momentos de repouso, na ocasião de deitar-se, no leito, lugar preferido para as suas meditações e leituras. No dia sinistro da morte tinha nas mãos Protagoras, de Platão e havia anotado no texto helénico, a página 316, o ponto referente aos sofistas.

Mário foi um grande brasileiro, ignorado de muitos, como os belos e ricos garimpões que dormem no árvoe dos rios pouco explorados e nos cascalhos serranejos.

A organização do seu espírito era clara e perfeita, com a mesma harmonia arquitetônica dos tempos da Hélade criadora. Não havia colunas, simbólicos e adornos que não fossem construídos com sobriedade, graça e precisão de arte.

A pena de Mário era um pouco preguiçosa por causa de sua fisião de enfermeiro. Os desântimos, as dúvidas, as preoccupações emperravam-lhe as entrossagens da idéia. Quando porvento se dispunha a trabalhar, a escrever, com a pena de ganso que usava, as idéias vinham-lhe facetas, corretas, claras, sonoras; em declive suave e natural sem grandes marulhos, mas cheias de delicatesas literárias, e a pena deslizava pelo papel em trinados pipilantes e a escrita saía-lhe da mão em caracteres miudos sem quase correção, cheia de frases e conceitos dignos dos grandes escritores contemporâneos.

O seu labor intelectual havia de ser feito em silêncio. Em casa mudava sempre de lugar para escrever porque o barulho perturbava as horas de meditação, como acontecia a esse maravilhoso Marcel Proust. Os vizinhos constituiam-lhe a grande tortura para a construção de suas obras, sobretudo pelo vazio irritante que tanto o atormentava e o predisponha ao mau humor. Onde se sentia bem, era fora do rumor da cidade, nos rincões silenciosos da incomparável Terezópolis ou da doca Tijuca, em que se estasiava, sentia ânimos inéditos para a produção literária que lhe sorria inspiradoramente. Naquela cidade serrana, escreveu grande parte dos "Contos e Impressiones", Jóia preciosíssima, onde se nos deparam as "Nupcias de Vagabundos", páginas de grande mestre, de perfeito estilista, cheia das luzes aveludadas do paisagismo noturno daquela região.

Este próprio não conta em carta a um amigo, as dificuldades, as preferências e o método de trabalho, na sua residência solarengue da rua Marquês de Olinda, onde longamente habitou. Para escrevê-las (as referidas cartas) fôr preciso levantar-me de madrugada, antes do sol, o que é difícil, quase impossível, para quem vai deitar-se exausto e não concilia o sono senão às duas horas da manhã. A esta hora a temperatura é maior que noite e com pouco será de suador. O resto do dia fico inutilizado: bate-me o sol pelo gabinete a dentro e eu perambulo pela casa, à busca de um recanto onde corra ventilação. Levo um livro à mão: ponho-lhe os olhos um momento, mas as palavras descaem. Procuro outro lugar de sombra com o mesmo despróposito e assim corroem as horas. A noite depois de jantar poderia ler alguma coisa, mas a lâmpada elétrica esquenta-me o rosto, sinto o suor que me escorre da testa e pelo peito. Desabroto totalmente do verão, depois que passou dois anos em Te-

A figura de Mário de

rezópolis a minha expectativa é do ócio inevitável e depauperamento físico. Levanto-me cansado e molhado e no correr do dia, na cidade, donde vou às torcas, quintas e sábados, sinto o mal-estar de exaustão e às vezes o estado de fôbia vaga. Entretanto, havia feito um risonho projeto de trabalho, composição e leitura para este ano."

E adiante:

"Não fosse a minha sensibilidade, eu realizaria em espírito a condição de Diógenes, ou do caramujo que é irmão dele no mundo.

A minha filosofia triste, da inanidade das coisas, não consente a providência das formigas".

Mário era mais ou menos como se descreveu nessa época. O que lhe saia do escrivo era remoroso e perfeito, mas tudo o que preocupa muito como se os embaraços se lhe multiplicassem na passagem pelo mundo, que lhe dava a impressão de um espírito agreste.

O nosso saudoso companheiro havia-gosto especial para reunir, catalogar, preparar e ordenar trabalhos de outrem. Talvez lhe viesse a tendência pelo lugar que exercia na Biblioteca da Câmara dos Deputados. Possuia mesmo um método pessoal de catalogações, decimal, aplaudido dos técnicos. O cuidado, com que fez a reunião dos livros do seu querido amigo Alberto de Faria, denunciava-lhe a benéfica paciência. Preparava tudo por amor ao Ilustre morto, mas também pela meticolosidade de indole. Este mesmo apuro revelava-se na organização das obras de José de Alencar, para as quais preparou edição definitiva. Pai e filho completavam-se espiritualmente. Para prefaciar os inéditos do seu genitor escreveu sentido prólogo do qual não posso deixar de transcrever esta piedosa confissão:

"E foram meu maior tesouro. Guardo-as como um avarento as suas melhores gemas; apraz-me em revê-las e relê-las e nunca me farto de admirar a riqueza daquele grande espírito, revelada em tanto trabalho de diverso assunto e quase que simultâneo, tão pouco foram os anos de sua vida relativamente a quantidade de obras acabadas ou iniciadas, ou projetadas, à ficção, na poesia, no teatro, no jornalismo, na crítica, na polêmica, na administração, na doutrinação política e jurídica, no parlamento e no fórum. Além de que há publicado e basta para afirmar o seu nome entre os primeiros do Brasil, ficava ainda nestes manuscritos a multiplicidade dos esforços de um engenho imaginativo e austero que sabia equilibrar-se entre os sonhos de poeta puro e a reflexão do homem prático, servidore extremoso de sua pátria".

A admiração que Mário mostrou pelos dois grandes brasileiros José de Alencar e Machado de Assis, a ambos ligado pela inteligência e pelo amor fixar talvez o dele timido e místico, misto pela submissão quasi religiosa às duas personalidades, timido porque via nos dois vultos a perfeição intelectual que ele ferventemente ambicionava. Os dois espíritos tão diferentes e tão opostos nos aspectos psicológicos, na elucubração literária, no fôleto, na imaginação, nas vidas nos conceitos e na linguagem, que se encontraram em o nosso querido confrade a justa simbólico, que se compreende pelos laços do afeto filial aos dois incomparáveis escritores. As duas inteligências mostraram-se tão diversas e tão juntas, porque ambas foram criadoras e porque tiveram dentro do peito de Mário de Alencar, um altar iluminado por duas lâmpadas e para os quais elevava sempre preces unidas da mesma saudade, no ritual de idêntica admiração. Apesar do longo convívio com Machado de Assis, o que desconhecimento de José de Alencar, os dois viviam-lhe dentro do afeto e da memória, como se constituíssem a mesma personalidade intelectiva.

Longo estou, senhores, de fazer-lhe a crítica da alma finísima. Quero porem expressar diante de vós o meu voto, que não é singular, o contrário, pois está no sentir de todos vós, de ser Mário de Alencar, um dos maiores poetas contemporâneos da língua portuguesa. A sua prosa é bela e elegante, os vocábulos são postos sob a harmonia e o ritmo severo dos escritores de lei; os versos são angelos e sentidos, cheios de alma, sem exageros, nem estranhezas literárias. Sôbrio em metáforas, iníigo da ênfase e dos verbos inútilizados, quase jannais por ele escolhidos, Mário fez da arte gozo e dever porque lhe eram correntes e fluidos — *dulelenimem* — o verso e a prosa.

Mostrava-se sempre intensa aos artifícios e à filiação em escolas literárias, e às suas produções possuíam dois caracteres típicos: a naturalidade e a elegância. O seu estilo não contém oportos, preocupações gramaticais adrede estudas, erudição de última hora, bebida em encyclopédias e dicionários; não se torturava, não se mascarava, e surria sempre clara, muito harmonioso e escorrido a maneira de Renan, Anatole France, Pierre Loti, Barros, Frei Luiz de Souza ou Machado de Assis.

Plutarco comparando Demostenes a Cícero, diz daquele que "o estilo lhe oferece a imagem do caráter, afastado de toda afeição ou gracejo, e é tecido com veemência e cuidado". Se o estilo é o próprio homem, no afirmação de Buffon, em Mário isto se advinhava pela fidelidade do trato e beleza de maneiras. Delgado, sobrio, minucioso e correto, honesto e nervoso, tais qualificativos que lhe eram pessoais poderiam saber-lhe no estilo. Os pequenos tiques que possuia, surgiam-lhe nos trabalhos como pequenas cintilações.

As suas vestes eram discretas; seu porte na vida, simples e educado, seus repastos frugais, suas notas particulares eram escritas em pequenos fragmentos de papel, feitas a lápis, com letra muito igual e miuda; a personalidade denunciava-se-lhe uniforme e harmoniosa.

Nas obras de ficção, Mário procurava sempre ser simples, natural e exato. Quando as compunha, lhe primeiramente à família para que se notasse a naturalidade nos caracteres, a fluidez da descrição, a vida das personagens, enfim, a veracidade do ambiente e a animação dos tipos, evocados ou descritos.

A "Tia Lulu" é pessoa conhecida de muita gente, tais os traços vivos que o contista por nobre debocho da narrativa, "e a pobre senhora trazia em si mesma o gosto do sofrimento, por ter faltado ao exercício de que havia de mais puro, e era o bem de amar e ser amada, de ser mulher e mãe".

Em a novela "O que tinha de ser..." Joana viveu também nos tradicionais lares brasileiros, porque quase todos reconhecem a sua própria casa, a entrometer-se suavemente na vida da família, infiltrada de submissão, cheia de carinhos para a pobre orfã, com o felicíssimo amoroso de certas mucamas, tal qualmente vemos naquela Bâ, do "Inverno em Flor" do nosso glorioso romancista Coelho Neto.

Reputo o livro "Contos e Impressiones" um dos mais bem es-

Antonio Austre- gesilo (da Aca- demia Brasileira)

eritos da nossa língua, em que se nos deparam belezas de estilo incomparáveis e correção de linguagem dignas dos grandes mestres. "Histópôis" e "Manhãs e Noites da Serra" resumam as docuras de Teresópolis na pujança de verões e nos dias penosos de chuvas constantes. Porem, onde o autor pôs toda a elegância da escrita foi nas "Nupicas de Vagalumes", páginas tocantes de graça e precisão, a Maeterlinck, nas quais tudo é verdade e encanto e onde surpreendemos no final, a invocação à Natureza, delicada e mística, bordada de ceticismo que era de Mário feijão e pendor.

O poeta tinha encantos singelos, porém, às vezes requintados. Não revelava a inspiração de Bilac, Raimundo Corrêa e Vicente de Carvalho, porém tangia a lira com espontaneidade e fulgura.

Os seus versos denunciavam certas singularidades que lhe davam caráter, ritmo e sonoridade só encontrados em cantores amestrados. Peço-vos, senhores, para lembrar-vos a bela tradução de "Os Sinos" de Edgard Pöe, tão perfeita quanto a do "Corvo", quase criada pelo seu mestre, Alberto de Oliveira disse que esta tradução foi obra nova de Machado de Assis, porque nela existe a revelação do poeta criador.

"Os Sinos" podem merecer o mesmo conceito, porque as dificuldades talvez sejam maiores por serem transladadas onomatopeias do inglês para a nossa língua. Peço ao eminentíssimo amigo Goulart de Andrade que vos repita alguns destes maravilhosos versos.

O sentimento constitui uma das características da poesia do nosso amado companheiro. Daí, mais uma vez permissão de ler estes versos que são cheios de saudade, de amor filial e realmente lindos...

A MAMAE ENFERMA

(No dia dos seus anos)

Junto a teu leito de doente,
Meu, noite e dia,
O amor dos teus filhos vigia
Fiduciosamente.

As cunhadas que lhes formava
com seu amor.
Não há cuidado algum que a afaste
Da tua dor.

Mesmo o seu filho era distante,
Transpõe o espaço
Com a alma e debruça ao seu regaço.
Afila e instante.

O nosso mundo está restrito
Ao leito teu.
Que é o finito e o infinito,
A terra e o céu.

O céu ouviu as nossas preces.
E revivemos
A alma entre sonhos, porque vemos
Que convalesce.

E linda a tua mão nos abençoa
E nos sorri,
E a alma nos ouve que hoje entoa
A alma teu.

Mesmo por ninguém nunca excedida
No amor materno
Deixa por nos ao mesmo inferno,
A própria vida.

Mesmo entre os santos todas santo,
A adoração
Dos filhos teus a ti levante
O coração.

E nos eus a prece agradecida
Porque mantém
Tua vida que é o nosso bem,
A nossa vida.

8-12-912

Analisemos ainda o homem íntimo: O aspecto físico de Mário era um pouco modesto. Magro, tardo nos modos, de fisionomia pallida, e juvenil, sabia atraír, pela simpatia natural que dele irradiava.

Amantíssimo da família, que era numerosa, cumpridor severo dos deveres, com ser pobre, lutava com a sorte que lhe forçou sorriente.

De natural melancólico, timido e retraído, descrente nos esforços, escrupuloso de índole, lutou contra os eventos da existência material e contra os desequilíbrios da saude que lhe punham na vida e na alma amarguras e ceticismos. Senhor de grande coração, extremava-se nos cuidados da família e ninguém lhe podia adorar em casa sem que prestasse solícitos carinhos, como enfermeiro meticoloso, a dar injeções, a pensar no regime, a verificar as horas do remédio, a preocupar-se deslindadamente com os sucessos da enfermidade alheia. Por tudo se torturava o nosso historiador companheiro e arrastava um manto de sofreres nervosos que o tornavam desanimado para os sucedimentos da vida.

Como lhe fotografavam bem a alma esta poesia "Tédio" em que alguns versos resumem o sentido da sensibilidade doente:

Se o tédio o sentiste me invade
E ansia com sua saudade
Os sonhos meus: a alma alegria
Da multidão que se extasia
No furto gozo de viver
Da-me o desejo de não ser...

E adianta:

E em meus sombrios pensamentos
Se não entendo os passos lentos
Na tua cidade erra onde excede
A multidão infinita e triste
Que dorme um sono grande e só
Vedra entre-as pedras, só no po...

Logo a noite do comitírio.
Na meia sombra do mistério
Sampara em mim melancolia.
Que traz o sonho e a poesia
E a alma povoia de viões
E aéreos ritmos de canções.

Pelos padeceres sentímos que os tons da sua mentalidade delicada e perfeita se modificavam pelos vaís-vens dos sintomas do nervosismo, ou pela aritmia do seu humor. (Discurso pronunciado na Academia Brasileira, por ocasião da morte de Mário de Alencar).

UM CORAÇÃO, FLOR DE TERNURA — PLINIO BARRETO

Não se encerrou o ano sem que mais um golpe rude me spanhasse em pleno coração. Ontem, era Francisco Escobar que se ia; logo depois era um pedaço de mim mesmo que se imobilizava na morte; a seguir, desaparecia Jacomino Delfim, acompanhado, a breve espaço, de Alberto Faria, hoje é Mário de Alencar que se despede... Amigos, dos melhores dos maiores, dos mais dedicados, num quadro em que a amizade se depreza, como todos os grandes valores morais, levavam, assim, o destino cruel, de roldão, numa investida brusca, fazendo-me pagar caro a felicidade de haver-lhos possuído.

Digam outras da distinção intelectual de Mário de Alencar, da sóbria elegância do seu estilo, do equilíbrio luminoso de seu pensamento, da acuidade de cintilante, da sua visão psicológica. Eu, por mim, direi apenas da esquista sensibilidade da sua alma, da bondade imensa do seu coração e da inquieta nobreza do seu caráter.

Havia, efetivamente, dentro daquele figura alta e fina, um pouco distante e fria, uma das almas delicadas e compassivas, onde todas as dores encontram ressonância e de onde jorrão, ao mais leve toque, todas as consolações. Bondoso, dessa bondade inteligente que sabe acertar com o ponto exato da ferida para ungí-la do seu óleo divino, sem despedidos inutéis, o seu coração era o abrigo natural de todos os que, em torno de si, as tristezas da vida levavam ao desânimo. Nervoso, sem confiança na máquina humana e nos arranjos da existência, aterrorizado com a incerteza do dia de amanhã, que sempre supunha portador de maus imprevistos, era espantoso, todavia, a dose de calma e de esperança que sabia inocular nos que, afliitos e desalentados, lhe abriam o coração em suplicas de consolo. Dir-se-ia que trouxera do berço e decerto o truexe, aprimorando-o no estudo dos homens e no contacto com eles, o dom da direção espiritual. Entre os amigos que o cercavam habitualmente, gente quase toda de incontestável superioridade mental, a sua posição natural, posição que não disputou a ninguém, mas que todos lhe conferiam espontaneamente, era a de conselheiro supremo. Guiava-se a todos, quer no domínio intelectual, quer no domínio moral, com a docura de um irmão mais velho e com a autoridade de um juiz incorruptível. Todo coração e inteligência, leal e franco dentro da discria reserva em que envolvia os atos e as palavras, de uma tocante quânta injusta desconfiança no próprio merecimento, simples, afetivo e digno, o seu convívio constituía uma das coisas mais agraciadas e mais salutares da vida. Acalentava a alma e iluminava o espírito. Caráter puríssimo, o que lhe redobrava a autoridade da palavra e o prestígio da pessoa. Mário de Alencar referia, em si, a realização plena deste verdadeiro fenômeno — o consórcio de um artista finíssimo com um perfeito homem de bem... Escritor dos mais primorosos que a literatura brasileira tem contado, espírito esmaltado por uma cultura intensa, em que predominavam a contribuição helenística e a contribuição britânica, hauridas ambas nas próprias fontes. Mário demonstrou, praticamente, que podem conviver na maior harmonia, sem que um prejuízo os outros, um grande intelectual, um perfeito chefe de família e um amigo modelar. O egismo tradicional dos artistas, a vaidade agressiva dos poetas, a indiferença sentimental dos eruditos, não encontraram, na sua alma,

a charneca onde, retorcidos e asperos costumam bracejar, lamentavelmente, esses tristes rebentos da miséria humana. Apesar de se sentir a macies e o aroma da flor de ternura que cultivava no coração. Nunca se percebeu que ele tivesse algum espírito...

Filho do maior romancista e companheiro dileto do maior escritor que o Brasil ainda teve, Mário de Alencar, sem esconder a influência que de um e de outro sofreu, soube, todavia, adquirir uma personalidade literária distinta e guardar, ao lado de José de Alencar e de Machado de Assis, sua fisionomia própria. Sem a exuberância lírica do primeiro e sem a robustez filosófica do segundo, foi talvez o mais preciso de todos na visão psicológica dos homens. Há entre os seus trabalhos de crítica, três ou quatro que são verdadeiras charavilhas de penetração psicológica.

As últimas linhas que dele recebi, não faz muitos dias, retratam bem a felicidade carinhosa da sua alma, e o desapreço em que tinha aos seus dotes de escritor. Havia eu insistido porque ele começasse logo a colaborar no "Diário da Noite". Dava-me a razão por que não o fizera e acrescentava: "O momento também não me parecia propício, em meio de aborrecimentos de moléstias e desgostos da morte do Alberto e do Domicio. Deixe-me agora repousar um pouco o espírito, e o que eu puder fazer irá para o 'Diário', creio eu que sem vantagem nenhuma para os seus leitores, mas irá para demonstrar o meu interesse em tudo o que é seu."

Com o desaparecimento de Mário de Alencar, desfaz-se para sempre a roda encantadora que, no seu pequeno gabinete da biblioteca da Câmara dos Deputados Federais, se formava todos os dias, entre as 2 e as 4 horas da tarde, e que era deles que trouxeram do berço e decerto o truexe, aprimorando-o no estudo dos homens e no contacto com eles, o dom da direção espiritual. Entre os amigos que o cercavam habitualmente, gente quase toda de incontestável superioridade mental, a sua posição natural, posição que não disputou a ninguém, mas que todos lhe conferiam espontaneamente, era a de conselheiro supremo. Guiava-se a todos, quer no domínio intelectual, quer no domínio moral, com a docura de um irmão mais velho e com a autoridade de um juiz incorruptível. Todo coração e inteligência, leal e franco dentro da discria reserva em que envolvia os atos e as palavras, de uma tocante quânta injusta desconfiança no próprio merecimento, simples, afetivo e digno, o seu convívio constituía uma das coisas mais agraciadas e mais salutares da vida. Acalentava a alma e iluminava o espírito. Caráter puríssimo, o que lhe redobrava a autoridade da palavra e o prestígio da pessoa. Mário de Alencar referia, em si, a realização plena deste verdadeiro fenômeno — o consórcio de um artista finíssimo com um perfeito homem de bem... Escritor dos mais primorosos que a literatura brasileira tem contado, espírito esmaltado por uma cultura intensa, em que predominavam a contribuição helenística e a contribuição britânica, hauridas ambas nas próprias fontes. Mário demonstrou, praticamente, que podem conviver na maior harmonia, sem que um prejuízo os outros, um grande intelectual, um perfeito chefe de família e um amigo modelar. O egismo tradicional dos artistas, a vaidade agressiva dos poetas, a indiferença sentimental dos eruditos, não encontraram, na sua alma,

Nunca mais assistirei ali, naquele círculo fraternal, naquele ambiente de amizade e de ilusão, às explosões furiosas de Alberto de Faria contra as fráquezas alheias, e à risinha devassa de Carlos Pontes a todas as coisas nobres do espírito e do coração.

Foi-se tudo. A morte levou os que escolheu e espalhou os restantes. Começa para estes o período melancólico da vida, em que a luta se desloca da frente para trás e em que, volvidos os olhos para ela, a gente, perdido o jeito e o gosto de sonhar, só se compraz na recordação...

A poesia rara de Mário de Alencar - OLAVO BILAC

"Felizes os que não tem confiança em si mesmos!", dizia o velho Montaigne. Esses de fato, são os que se livram da impotência, da ridiculha soberba, da cega vaidade que preparam os maiores desastres da vida.

Ira e Encelado paixam caro o atrevimento e o orgulho... Maior vale o trabalho modesto e cauteloso, meditado e paciente, do que o surto da ambição irrefletida que quer abarcar o céu com as asas.

Mário de Alencar, o autor do lindo volume de versos que acaba de ler confessa que "não sabe se é poeta", e diz que "a publicação do seu livro tem o intuito de submetê-lo a desinteressado julgamento". Em geral os críticos não simpatisam com os autores modestos. E tão fácil esborrachá-los está desarmado! Além disso, como estou convencido de que não há críticos no Brasil, não creio que o poeta dos "Versos" ligue algum proveito da fraqueza com que se submete ao "juízo dos competentes". Mas vé-se bem que o recelo do poeta é sincero. Quem lê o seu livro, encontra nele a revelação de um espírito suave, incapaz de orgulho, sensível em extremo às hostilidades da vida, facilmente impressionável, facilmente exposto a ser ferido de hora em hora. Não há nuns "Versos" uma só explosão de amor, de cólera, ou de desespero: ali não há paixões, no sentido em que mais comumente se emprega essa vacábula: há sentimento sóbrio, que se não desmancha em grandes gestos, nem em grandes gritos, e parece, ao contrário, ter medo de se expandir. — por um excesso de recato.

Caso raro em literatura — quem lê os "Versos" e a "Razão do Livro", vê que, em Mário de Alencar, o poeta não se separa do homem.

A leitura deste pequeno volume deixa uma encantadora impressão, que não é fácil definir. Não é admiração, não é entusiasmo: é uma doce surpresa, um vago prazer, misturado de melancolia.

Quem lê o livro de Mário de Alencar tem a sensação de haver encontrado uma alma triste e boa, de rara sensibilidade artística e humana.

Ah sim! quem escreveu esse livro é poeta, poeta como poucos.

"filho de próprio Deus, mensageiro do bem..."

A VILA -- GRACILIANO RAMOS

A vila tinha a aparência dum corpo aleijado: o largo da Feira, formava o tronco; a rua da Peira e a rua da Palha serviam de pernas, uma quase estirada, a outra curva, dando um passo, pálidando um monte; a rua da Cuiá, onde ficava o cemitério velho, constituía o brago unico, levantado; e a cabeça era a aguda, de torre fina, povoada de cornijas. Na junção das pernas, a casa de seu Galvão resplandecia, com três fachadas cobertas de azulejos, maravilhosas caixaduras do imenso presépio de meninos esquisitos: Ossacino, taciturno; Cecília, enfezada e d. Maria, que pronunciava garrafada. Na coxa esquerda, isto é, no começo da rua da Peira, o acude da Penha, cheio de música dos sapatos, tingui-se de manchas verdes, e no pé, em cima do morro, abria-se a caixa da Intendência. Rasgavam-se no tronco dois braços amarrotantes: um lá ter à lagoa; e o outro fazia um cotovelo, dobrava para o Cavalo Morto, atrelado mal afiamado que jundava no alto de seu Paulo Honório, junto ao cemitério. Num terceiro beco, vizinho à igreja, as janelas do vigário esplavam as da escola pública, alva e de plástica, regida por um sujeito de poucas fases, barba longa, amilhancado ao mestre rural vizinho uns atrás. Essa parecença já deu a convicção de que todos os professores machos eram tabuleiros e silenciosos.

D. Maria, particular e casada com seu Antônio Justino, funcionava na rua da Palha, e, por ser particular, inspirava mais confiança que o colega oficial e, consequentemente, desfechado, na opinião dos pais de família. Seu Antônio Justino, homem sem profissão, em quinze, marido de professora, mas não era completamente quinze, apesar de viver desempregado. Se a mulher tivesse diploma, seu Antônio Justino perderia nome e sobrenome, anular-se-ia. Como d. Maria não tinha diploma nem recebiam diploma do governo, seu Antônio Justino ainda não se havia inteiramente despersonalizado.

Perto dessa escola instalavam-se o quartel da polícia e a cadeia. No corpo da guarda o destacamento local berrejava preguiçava nas tarimbas, e José da Luz, caçou pachola e risinho, cantava.

A vida social se concentrava no largo, ponto de comércio, fóxiças, leitura de jornais quando chegava o correio. Nos sábados armavam-se barracas, fervilhavam matutinos. Nos domingos eram os exercícios esportivos: missa extensa, casinhas, casamentos, batizados, injuras abundantes de padre João Inácio. Tinham andado pelo sertão dois missionários muito diferentes na catequese. Frei Caetano, pessoa de infinita doçura, quase santo, e Frei Clemente, um barbáro que fustigava as mulheiros e infândia enorme. Padre João Inácio tinha muito de Frei Clemente, não chegava a agitar os paraguaios, mas, se se aperreava, distribuía insultos aos pequenos reia de cachorro com pote. Esse desacato era preferido com energia e gritos, fora do palco, pois não consta que padre João Inácio haja pregado.

Os maiores do município governo e oposição, pertenciam a um grupo de famílias mais ou menos entretecidas, poderosas no Nordeste: Cavalcante, Albuquerque, Siqueira, Tenório, Aquino. Padre João Inácio era Albuquerque. O comendador Badeba, parente de todos os graus, autor de vários filhos naturais, esfarilhado em Cesar Cantu, vestia cassineira e chapéu e ruela, usava chapéu de palha de abas roldas e botas pretas com remendos amarelos. Assim, de rebento e esporas, entrou uma noite no Paço Municipal com um lote de caboclos novas e, se som da harmônica,

dansou valses e quadrilhas até o nascer do sol. Esse cavaleiro tinha sido agraciado pelo imperador em consequência de trabalhos e perigos enfrentados numa epidemia de varíola. Pousa comenda, mas os recebedores davam-lhe o título de capitão. De ordinário, a gente da rua, executados os três meses de saraiva, descansava seis dias na semana. Em negócios raros arrebanhavam-se os freguês lucros exorbitantes.

Pelos agudos trios da serra, andavam figuras solitárias, de mãos atrás das costas, em capotes escuros, como urubus arrepiados na garça.

E findo o inverno, indivíduos loquazes reuniam-se em torno dos baleões, discutiam política, tesouravam o próximo. A tarde, andavam pelas calçadas, acompanhando a sombra. Os dados chocavam, as pedras estalavam nos tabuleiros de gamão.

E as discussões não tinham fim. Comentava-se o talento do advogado Bento Américo, um que chegou a professor de direito e se notabilizou por vestir-se mal e escrever bem versos. Num discurso no juri Bento Américo arremedou o coronel Antônio de Aquino, chefe político: acendeu um cigarro de fumo picado e deixou o pé em cima duma cadeira. O discurso era antigo, mas continuava a provocar admiração.

Muitos fatos antigos se renavavam, confundiam-se com outros recentes, e as notícias dos jornais determinavam perturbações no espírito. Debatiam-se Canudos, a revolta da Armada, a Abolição e a guerra do Paraguai, como acontecimentos simultâneos. Cem de anos, a república ainda não parecia definitivamente proclamada. Realmente, na vila não tinha havido mudança. Os mesmos jogos de gamão e solo transmitiam-se de geração a geração, as mesmas pilhérias provocavam risadas. Certas frases devoravam-se, achavam meio de arrancar-se com outras de sentido contrário — e essas incompatibilidades fumavam-se nas mentes como artigos de feira. Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto eram grandes, sem dúvida, tão grandes que, deixando a política, recebiam consagração popular e entravam nas embaladas.

Pepe Paulino, Leodora, Loriane, Fora a lei republicana. Que inventou guarda local.

As pessoas que olhavam nas calçadas, buscando a sombra, conheciam dos generais famosos alguma coisa mais que os nomes truncados. De fato não percebiam neles virtudes públicas (isso ninguém estava em condições de notar), mas descobriam qualidades preciosas a um sertão: coragem e discrição. Aquela resposta de Floriano aos estrangeiros causava entusiasmo. Bichão, sim senhor! prendia, deportava, não recebia cartas. Deodoro é que havia procedido mal com d. Pedro II. Deodoro, no começo da vida, era um pobrezinho, e d. Pedro o recolhera, educara, dera-lhe posição e dragões.

Em paga de tantos favores, uma rasteira no protege bambo, Ingrado. Deixa ter esperado que o velhinho desse o couro às varas.

Meu pai, negociante, concordava com todos. Tinha às vezes, porém, ideias próprias, que não chocavam as outras. No dia 15 de novembro enxergava um herói, o barão de Ladário, desconhecido antes da revolta, nascido maduro para resistir à prisão, receber tiros, não permitir que se derrubasse o monarca suavemente. Esse pouco sangue bastava. E meu pai, livre de leituras, livre de sentimentos belicosos, viu no ministro ferido uma glória incomparável. Admirou-o com intensidade — e ninguém o contrariou. Esqueceu-o de propósito completamente, deixou-se aludir a qualquer espécie de bravura. Tinha fraca imaginação e era bastante incrédulo. Abrecrecia os atentas, mas só acreditava no contas-correios e nas faturas. Desconfiava dos livros, que papel aguentava muita lorota, e negou obstinadamente o aeroporto. Nunca viu um, em 1934 ainda considerava duvidoso. Talvez até admitisse o barão de Ladário como personagem de ficção.

A política nacional era um romance que os meninos barbados folheavam, largavam, retomavam, deturpavam. Versateliamente permaneciam nessas alturas, calam os sucessos vulgares, que eram também contos de fadas.

O doutor juiz de direito mencionava a comarca onde servia, no Amazonas. Jacarés monstrosos, onças inofensivas, cobras que enguiam bolas.

Seu André Cursino, gordinho, baixinho, barrigudo, saia à rua vestido em robe de chambres.

Seu Batista, embutido na camisa dura, enfocando na gravata preta, a barba em bico alongando-lhe a cara magra, falava devagar, medindo as palavras. Quando se calava, as cabeças em redor balançavam-se aprovando-o, e os olhos maledicentes trocavam dele.

Seu Felipe Benício, negociante de minuzas na rua da Peira, era encorpado, tinha uma ruga na testa e bigodes grisalhos. Sério, causava medo. Frequentemente a gravidade esmorecia na conversa; a ruga se desmanchava, os bigodes subiam e largos dentes amarelos se mostravam num sorriso.

Tipo mojado era o velho Quincha Epifânia, ossudo, inquieto, cara de fome, sovina, ate nas palavras. Guardava a despesa na loja: barricas bem cobertas, defendidas contra os ratos. De manhã, um moleque se chegava ao balcão, a cesta pendurada no braço. O avarento desatapava os escondrijos, pesava e cortava longamente a ração mesquinha: duzentas gramas de xarque, dois dedos de toucinho, um pires de feijão. Emburrava tudo num quarto de jornal e despedia o portador, surdo a qualquer reclamação, gaguejando.

Para lá da lagoa, no alto dum monte, seu Félix Cursino recebia visitas no alpendre, duma casa rodeada de cajueiros.

Abaixo dessa classe, moviam-se criaturas que não liam jornais, ignoravam d. Pedro II e o barão de Ladário.

André Laerte, o barbeiro mais sujo do mundo, usava no trânsito um avental ensanguentado, pisava macio, falava mal, com modos de gato.

As gargalhadas do pedreiro Carcará fêram todos os ouvidos.

Seu Acrísio, jogador e quase cego, ziguezagueava, batia nas paredes, tentava degraus e portas com o cajado. No jogo, unia as cartas aos óculos, apalpava-as lentamente, como se as visse com os dedos.

Mestre Firmino, alfaiate, a agulha metida na gola, atarantava-se, pedindo um cigarro. Se não o obtinha, entrava na bodega e comprava um mago. Tirava o cigarro necessário e distribuía dezenove, porque lhe faltava o instinto de proprietário: era sóbrio e devia a toda a gente.

Alguns indivíduos, quando não se apresentavam nas calçadas, incorriam em censuras rigorosas. Seu Antônio Justino

e seu Afro estavam entre eles, o primeiro por ser indolente, o segundo por acomodar-se a um gênero de vida considerado irregular.

Dificilmente se provaria que seu Antônio Justino fosse mais preguiçoso que os outros habitantes da vila, mas todos o condenavam: não tinha fazenda nem ofício, não jogava e nas reuniões das esquinas opinava moderadamente.

Seu Afro, vítima dumha infelicidade que só muito mais tarde compreendi, não se juizava infeliz, pelo menos aparentemente, era um rapagão corado, forte, risonho, barulhento. Vendido pelas costas, as pessoas que discutiam Canudos e o barão de Ladário faziam caretas de repugnância, largavam gestos obscenos. Porque seu Afro, casado no religioso, morava no Cavalo Morto, zona imprópria com a mulher, uma grande loura sardenta, e o amigo Antônio Freire. Este amigo tinha residência, não faltava dinheiro, mas de fato vivia na rua e no pescado, entregue de corpo e alma à família adotiva — uma longa dedicação que o tempo e os remoques não esfriavam nem corrompiam. Julgo que mantinha a casa. E os três se entendiam, achavam no seu pequenino mundo substância para manter a sociabilidade resumida que havia neles. Discutiam festas, visitas, pala-avreados. E d. Maroé, vistoso, moça, branca de carne e de roupa, bem lavada e bem esfregada, andava firme nos passeios, sem se voltar para as janelas, isenta de cortezias. As mulheres honestas desviavam-se dela, rancorosas. E as deshonestas, caladas, pintadas, inquietas.

— Hum! hum! Maroca pará, nem olha.

Diziam na verdade nem sim. Creio mesmo que diziam nem haja, coisa estranha. D. Maroé não olhava. Seguia o seu caminho, apurada — e só.

Muitas vezes me espantaram a desconsideração e a frieza que envolviam essas criaturas. Não podia capacitar-me de que aquela moça tão bonita, tão cheirosa, tão engomada, fosse de qualquer modo inferior a d. Agueda de seu Acrísio, magra, engelhada, pontuda. Também me parecia injusta dar ao velho Quincha Epifânia, sovina e faminto, mais valor que a seu

(Continua na página seguinte)



CURSO DE ESTUDOS DA AMAZÔNIA - TERCEIRA AULA

GEOLOGIA DA AMAZÔNIA - Professor GERSON DE FARIA ALVIM

Este é o sumário da minha palestra a Geologia da Amazônia.

Variações e importantes expedições, chefiadas por verdadeiros gênios da geologia, percorreram e descreveram o imenso mundo amazônico e dos trabalhos desses sábios brasileiros e estrangeiros, enriquecidos pela contribuição dos estudos realizados pelo antigo Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, chegamos as conclusões que resumimos a seguir.

Devo, porém, antes de abordar o assunto, como prelo de veneração às minhas memórias, lembrar os nomes dos grandes picnistas que desvassaram as searas amazônicas. São eles: Spix e Martius, Castelnau, Gibon, Kieffer, depois Louis Auguste, João da Silva, Coutinho, William Chapman, Charles Frederic Hartt, Orville Derby, Herbert Smith, Clarke, Richard Rathbun, Francisco José de Freitas, John Casper Branner, Pereira Pena, João Barbosa Rodrigues, Francisco de Paula Oliveira, Góis, de Campos, Eusébio de Oliveira, Luiz Floriano de Moraes Bento e Paulino Francisco de Carvalho.

Em consideração aos geólogos vivos, que também varreram rios, serranias, paraisos lacustres da Amazônia, devo declarar, as seguintes nomes: prof. Odorico Rodrigues de Almeida, engenheiro Matias de Oliveira, Rodovalho Avelino Inácio de Oliveira, Rodrigues Vieira, Júlio Góis, de Paiva, Pedro de Moura, e outros mais modernos.

Poquinho a número de geólogos para a maioria da região em estudo (árvores) é concordar que há muito que ser desvassado ainda na imensidão bacia geográfica amazônica. Por isso mesmo bem diz Eulálio da Cunha: "assim é que o lamaçal é um infinito que se derrama a noite e pouco lento e lento e indeterminadamente, turvamente".

IMPRESSORES DA AMAZÔNIA

Belíssimas e sagazes penas tecem deserto a respeito com as coisas que a fantasia do momento ou fatos episódicos: Impresionaram o escritor, Inferno Verde, Desheraldo, Amazônia misteriosa. Terra imatura. Amazônia que ninguém sabe. Gisela: "umulalhá. O monstro!", são típicas da bibliografia sobre o Amazonas, titulões solitáriantes, que não devem de ter o seu lado pre-judicial. Em contraposição existe também a "Terra caluniosa" e é verdadeiramente a terra caluniosa. O homem, ou zoado por uma árvore, ou sedida de fome, ou tomado pela vertigem de intrínsecas, gerava rito acima. As imensas selvas, como um exérlio que, não encontrando obstáculo à sua frente, avançava, avançava sempre, sem se lembrar que o inimigo sólido o fechava pelo retaguarda. E no ar dacordo de si, estava desamparado, sem viveres, sem recursos para empreender a resistência, estava liquidado, perdendo a vida como tributo de sua ambição ou intrépidos.

De qualquer forma o homem é que era infinitamente pequeno, julgando-se gigante, e a terra recebia sem protesto a calúnia do homem por ser imensamente grande.

O histórico discurso do Rio Amazonas reforça novamente que a terra é a mesma do nosso grande Brasil, portanto boa, mas deve ser tratada com inteligência e sabedoria para ser provitosa, como mundo é resto.

CLIMA

A grande cobertura florestal da Amazônia define bem o seu clima: quente e húmido. É normal a pequena amplitude de variação da temperatura, não obstante sobre os pontos mais próximos do Amazonas a influência do degelo da grande cordilheira. No Acre, porém, há abatimento de temperatura tão violento, que causa verdadeiro deserto na fauna iônica, na dessecada, das águas. E das regiões do Bra-

A VILA

(Continuação da página anterior)

Afro, robusto e alegre. O Juizo dos homens era esquisito.

Contudo, esse julgamento absurdamente acompanhou-me. Fixou-se, ganhou raízes. Indigno-me, queria extirpá-lo, rehabilitar seu Afro e d. Maroca. Duas pessoas normais, evidentemente. Pense assim. E desprezo-as, cinto-as decadas. Impossível deixar de sentir-las decadas. Repito mentalmente os desconchavos de

ali onde se verificam as maiores precipitações atmosféricas. Regra geral os cursos d'água da margem norte receberam sua contribuição das chuvas em época diferente da das da margem sul; nessas condições a grande ecenteira regista no correr de ambos períodos de máximas cheias e de vassoura.

ESTRUTURA GEOLOGICA OU ESTRATIGRAFIA DAS FORMAÇÕES AMAZÔNICAS

Completo cristalino.

O solo da Vila do Amazonas compreende uma série de rochas, erupções umas; metamórficas e sedimentares outras; de idades diferentes, constituindo a coluna geológica.

Servindo de alicerces às formações sedimentares desportam em áreas relativamente grandes no norte e ao sul do majestoso rio as rochas erupcionais representadas pelos granitos, gneises, etc. Estas rochas são superposta, pelas rochas metamórficas, xistos cristalinos, quartzo, etc., e o conjunto constitui a terceira arquitetura ou o complexo cristalino. Era protocristalino.

SHURIANO

Descrevo sobre um grupo de rochas, com interposição concorrente de uma sequência de rochas que separam também nítidamente, embora muito, o arqueano, formado de xisto metamórfico, uma outra série de rochas que representa o terreno basal da Praia Paezóxica, o sistema Shuriano, nitidamente caracterizado pelas tochas não encontradas. As rochas são arenitos micáceos de clínino silenciosos, apoiando-se sobre toches. As primeiras impressões fosseis ali encontradas foram identificadas como "Archiphyllites harlani". Conrad encontrou no shuriano de Medina.

Outros fossis encontrados nas formações shurianas do Amazonas são Lingula obesa, Pholidoforus trapeziformis, Tellinopsis subterrena, Marchisius, Testicardines, trachofenix, orthoceras, Graptolites: Muyskogenites chonetensis e Climacograptus scalaris, etc.

Estes fossis procedem principalmente de barrancas dos rios Curna, Macuru, Trombetas e Mará.

DEVONIANO

Um novo grupo de rochas é formado predominantemente de camadas de folhelhos argilosos, pretos, muito fosilíferos com lentes de arenito na parte superior. Aspeto a uma camada de arenito escura e em baixo arenito também fosilífero. Abundantes concreções partisgas, po, decomposição, calcareo de uma cor castanha ou amarelo. Esse grupo de camadas se destaca das formações shurianas inferiores por sua natureza eletiva, semelhante ao Devoniano inferior da região.

Citarei os a típico de ilustração alguns tipos de fossis e maiores detalhes aero encontrados na Monografia I. do Antigo Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, "Fossis Devonianos do Pará", que estuda também os do Amazonas. Clártenses a Dalmatina netoiensis, Spirifer buchariensis, Spirifer kariti, Modiomorphia helminthophora, Bucania testis, Hemimelania derbii, etc. Esta fauna, muito abundante, não deixa dúvida absolutamente sobre a idade devoniana inferior da formação. O seu desenvolvimento mais comprovado se verifica no leito do rio Macuru.

SISTEMA CARBONIFERO

Repondo discordantemente, sobre o Devoniano sobre uma outra série de rochas, constituida inferiormente de arenitos e superiormente de calcários muito abundante em fossis, enquanto os arenitos são esterile. A posição estratigráfica desta série de rochas, pelos fossis não encontrados, é inédita na bacia amazônica. A ocorrência mais desenvolvida dessa forma-

ção encontra-se no rio Tapajós nas vizinhanças do Igarapé Itapera, assim como entre o Ipiranga e Trombetas. Enquanto os arenitos se apresentam em camadas delgadas, os afloramentos dos calcários são conspicuos. Entre os fossis estudados destas formações destacam-se os seguintes: Productus amazonicus, P. Chon, P. Cor, Rhynchonella mira, Compsidium, Pholidites major, etc.

Todas essas formações do Arqueano ao Carbonífero, são expostas no norte do Amazonas. São formações caracteristicamente marinhas, conforme provam os seus fossis, donde uma conclusão importante a que chegaram os geólogos de que estudaremos depois.

SISTEMAS TERCIARIO E QUATERNARIO

Acima do Carbonífero vamos encontrar rochas muito mais novas, demonstrando uma extensa lacuna, faltando totalmente as formações da Era Mesozoica. As rochas terciárias cobrem quase toda a superfície do Estado do Amazonas e Território do Acre. Essas rochas são argilas, folhelhos e arenitos, estes mais ou menos arenosos, arenitas mas ou menos incômodos, aluvões e

erosão muito nenhuns extensas.

EVOLUÇÃO GEOLOGICA DA BACIA AMAZÔNICA

Expostas em traços gerais, a constituição e estrutura das formações geológicas do vale do Amazonas, vejamos ali onde esses elementos permitiram fazer a reconstrução dessa extensa região pelos ciclos. Isto é, a história do seu desenvolvimento.

Na véspera que as formações paleoárquicas são perfeitamente bem definidas em posição e idade, pelos seus fossis, são todas formações indistintamente marinhais.

Esta observação levou a quase totalidade dos geólogos a admitir a ausência do gneiss e do arenito no Carbonífero do Amazonas, porque esses depósitos econômicos só se verificam no leito terrestre ou continental do Carbonífero. Isto é, terras correspondentes ao Shuriano ou Westphalian, em opção ao fácies marinho, correspondente ao Moscoviano ou Urânia, no sentido europeu.

Este assunto é de suma importância e Gonçaga de Campos, em memorável justificativa, levanta dúvida sobre a conclusão chega de. Inicia a discussão, reportando-se a seqüência frase de um dos trabalhos de Branner:

"Esperava-se que o carvão de pedra fosse descoberto no Carbonífero superior da região Amazônica, mas até agora tal camada ainda não foi encontrada, e, além disso, o fato destas camadas serem de arenito marinho não dá esperança de achar neles carvão de pedra".

Gonçaga de Campos era dos poucos que mantinha reserva sobre essa conclusão, e, envolvido em todos os provérbios modestia, tinha uma convicção contrária e justificava-a com argumentos respeitáveis de valor. Então, disse Gonçaga de Campos no seu trabalho "Carvão no Amazonas": "Ouço os amigos que não mereço, os meus amigos mantêm reservas nesse ponto. Mas parece que estão convicdos de que as pesquisas para carvão no Amazonas são inúteis".

Um sábio da engenharia de Gonçaga de Campos nunca ter-se-ia envolvido numa entendação pelo simples prazer de fazer "Hemias". Havia motivos muito ponderados que o levaram a essa discussão, e não podemos deixar de considerar que lhe sobravam razões para isto.

Com efeito, contemplemos extensamente sedimentar da Vale do Amazonas. A sua superfície se aproxima a um número da ordem de 2.000.000 de quilômetros quadrados; as exposições dos terrenos paleoárquicos são mínimas, em relação a essa área. Por outro lado, as sondagens realizadas no Estado do Amazonas, em número de cinco, em uma área restrita na região do Pará, revelaram sobre os sedimentos terciários, em espessura inferior a 30 metros, o terreno Carbonífero em camada muito espessa.

Trata-se de uma contribuição muito pequena para ser generalizada em tão grande área, tão descoincidente no sentido vertical, isto é, em profundidade, como no sentido horizontal. Devemos concordar que tal generalização é a exagerada. Para explicar a formação do vale amazônico, apoiando-nos na interpretação de Hartt.

Hartt em 1872 formulou uma teoria sobre a gênese da Amazônia, que encontrou um grande apoio no meio científico, confirmando assim o elevado conceito de que só hoje é possível e eminentemente geólogo. Descreveu-lhe assim resumidamente como a compreensão lemos.

Os grandes maciços cristalinos ao norte e ao sul do grande rio formavam ilhas de que só hoje reconhecemos o planalto guiano a do norte e o planalto brasileiro a sul. Separava-as um largo canal, pelo qual se comunicavam os oceanos Atlântico e Pacífico. A constante erosão desses maciços, formava um material que ia se depositando e em consequência as formações sul-norte desses maciços, formaram-se aproximando, diminuindo a

distância líquida. Provavelmente, contribuiram para essa aproximação as correntes marinhas que levavam a sedimentação, nesse canal, no mesmo tempo que forças internas verticais levavam o fundo do mar. Essa sedimentação se processou até o fim do Período Carbonífero ou começo do Permiano. Desta época em diante processou-se completa modificação do aspecto geológico. Daí para diante os sedimentos terciários obliteraram todo. Não se encontram documentos característicos das formações intermedias.

A desfraldar dessa imensa regiões, fascinadas completamente pela exuberância vegetal, não haviam para o chão. A riqueza vegetal inesgotável atendia com fartura ao mar desmatado apetite.

Aos geólogos, dominados pelos grandes problemas de geologia que a terra lhes propunha, não sobrava tempo para descer em detalhadas pesquisas minerais.

Somente o antigo Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil realizou estudos sistemáticos, quer na superfície, quer em profundidade, cujos resultados foram descritos em seus boletins e relatórios.

As pesquisas de carvão de pedra e petróleo mereceram especial interesse, mas o número de sondagens foi relativamente pequeno em relação à área pesquisada.

Já falamos sobre as possibilidades da existência de carvão de pedra no Amazonas e os motivos que levaram Gonçaga de Campos a tentar essa tese. Apenas devemos lembrar que as eclusas naturais, o espaço e o tempo não favoreceram os trabalhos que se tornaram, por isso, penosos e cheios de sacrifícios. Basta dizer que nessa época, para se alcançar a capital do Estado do Amazonas, gastava-se dezenas de viagens diárias, assim mesmo quando havia coincidência da chegada em Belém com a saída do vapor para Manaus.

Hoje a aviação já está exercendo notável influência nas comunicações e dentro em breve será um auxiliar de valor inestimável, os estudos geológicos da região.

Aleas das pesquisas de carvão de pedra e petróleo foram iniciadas os estudos da ocorrência de limítico no Amazonas, das possibilidades petrolíferas do Território do Acre, das águas superficiais de Amazônia e da região do Gurupi.

As únicas campanhas geológicas realizadas no Vale do Amazonas nos últimos trinta anos foram levadas a efeito pelo antigo Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil e o seu Departamento Nacional da Produção Mineral.

E é um capítulo ainda pouco de-

Os livros do colégio de Pernambuco - Serafim Leite

Em Autores e Livros, este magnífico suplemento literário da "A MANHÃ", publicou o sr. Gilberto Freyre, em 21 de novembro, interessante artigo, Olinda, cidade intelectual. Há nele uma referência à literatura dos Jesuítas da antiga Companhia, cuja história andamos empenhados em fazer ou refazer, e sobre a qual vários deputados ao sr. Gilberto Freyre de palavras que sumamente nos penhoraram.

Não se tira bem a limpa, nesse artigo, o destino dos primeiros livros trazidos da Europa pelos primeiros Jesuítas de Portugal, e era isso a que realmente nos interessava. Mas vemos que, depois, esses ou outros livros foram, por compra ou por herança, levados para os muros dos Jesuítas da Companhia restaurada, no novo Colégio de Pernambuco, e que estes, pelos distúrbios da Questão Dom Vital, deixando Pernambuco em 1874, os levaram para o outro lado do mar. Di-los o sr. Gilberto Freyre, fundado no testemunho de Pereira da Costa, que, não achando esses livros em Pernambuco no ano de 1886, concluiu que os padres "levariam consigo para a Europa todo esse inestimável tesouro". Tal conclusão perfisla o sr. Gilberto Freyre: "É claro que no tocante a livros os Jesuítas levaram de Olinda mais do que lhe trouxeram da Europa".

Parce que não há margem a dúvida. E no entanto o conhecimento completo do assunto mostra que não é assim. Os clá-

icos, e a fundação do Colégio de Pernambuco, a que se referem Pereira da Costa e o sr. Gilberto Freyre, coincidem quase a fundo perfeito, para os muros dos Jesuítas da Companhia restaurada, naquele perseguição religiosa, os padres estrangeiros foram exilados para a Europa, não os seus haveres. Ficaram no Colégio quatro Irmãos Leigos, com o seu diretor legal, o P. José Silvestre da Ribeira Pinto, a quem, como bisbeiro, não atingiu o decreto. Estes Jesuítas, com as coisas do Colégio, seguiram para Itália, no qual juridicamente pertenciam como parte integrante da mesma Missão (hoje Província). E assim - e é esta a verdade toda - os livros do Colégio de Pernambuco não tardaram a incorporar-se nas bibliotecas dos atuais Colégios, em que se desdobraram o de Itália, o Colégio Anchieta em Friburgo, o de S. Luiz, em S. Paulo e o de S. Inácio, no Rio, aqui na rua de S. Clemente, onde escreveram estes Irmãos Leigos, com o seu diretor legal, o P. José Silvestre da Ribeira Pinto, a quem, como bisbeiro, não atingiu o decreto.

Com a fundação do Colégio de Pernambuco, a que se referem Pereira da Costa e o sr. Gilberto Freyre, coincidem quase a fundo perfeito, para os muros das bibliotecas dos atuais Colégios, em que se desdobraram o de Itália, o Colégio Anchieta em Friburgo, o de S. Luiz, em S. Paulo e o de S. Inácio, no Rio, aqui na rua de S. Clemente, onde escreveram estes Irmãos Leigos, com o seu diretor legal, o P. José Silvestre da Ribeira Pinto, a quem, como bisbeiro, não atingiu o decreto.

Os Jesuítas, pois, não "levaram consigo para a Europa esse inestimável tesouro". Ficou no Brasil, e ainda bem.

Concluimos, sem fazer comentários, sem dizer que é mais uma tese que se desfaz, sem dizer nada. Agradecemos simpaticamente ao sr. Gilberto Freyre a oportunidade, que o seu interessante artigo nos ofereceu, para esta singela nota de retificação e objetividade crítica.